



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARIA DAS GRAÇAS ALMEIDA DE JESUS

**AS BRINCADEIRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE CRIANÇAS COM 04 ANOS**

Salvador
2016

MARIA DAS GRAÇAS ALMEIDA DE JESUS

**AS BRINCADEIRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE CRIANÇAS COM 04 ANOS**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial de aprovação no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Professora Orientadora: Fernanda Almeida Pereira.

Salvador
2016

MARIA DAS GRAÇAS ALMEIDA DE JESUS

**AS BRINCADEIRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL DE CRIANÇAS COM 04 ANOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduada em Educação Infantil do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Aprovada em 18 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Fernanda Almeida Pereira- Orientadora _____
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação da UFBA. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia.
Universidade Federal da Bahia

Camile Viana da Cunha Vieira _____
Mestra em Educação pelo PPGE/FACED/UFBA
Universidade Federal da Bahia

*Chegamos filho, é aqui
Prepare-se, aqui você vai descobrir o vale
encantado.
Vai chegar a caverna misteriosa.
Vai conhecer o estranho laboratório do cientista
louco.
E eu queria lhe dizer uma coisa:
- Não esqueça filho, que uma rosa não é uma rosa,
Uma rosa é uma manhã, uma mulher, um grande
amor.
Uma rosa é uma invenção sua.
O mundo é uma invenção sua.
Você lhe dá sentido, você o faz bonito,
Você o cola de coisas
O brinquedo, o que é o brinquedo?
Duas ou três partes de plástico, de lata,
Uma matéria fria, sem alegria, sem história.
Mas não é isso, não é filho?
Porque você lhe dá vida
Você faz ele voar, viajar,
Vamos filho, sabe que lugar é esse?
É um lugar de sonhos.
Uma casa de brinquedos.
Vamos entrar?*

(Fernando Faro)

DEDICATÓRIA

À Deus, que com sua mão forte, tem me sustentado.
E aos meus alunos que foram minha fonte de inspiração,
impulsionando-me a seguir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo fôlego de vida, saúde e pela sua presença em todos os momentos.

Aos meus pais, Donato Lino e, em especial a minha mãe Geracinda (inmemoriam), que sempre me incentivou a continuar os estudos.

A minha irmã Izabel que sempre esteve presente nas minhas ausências com o nosso pai.

As minhas sobrinhas Iasmyn e Ingrid com o apoio no momento certo e, por estarem sempre de prontidão.

Ao meu esposo, pelo apoio, paciência, compreensão nas minhas ausências e, por compartilhar das minhas conquistas.

As minhas colegas de especialização, que dividiram comigo momentos de aprendizagem, dificuldades e alegrias nessa trajetória.

Aos professores do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI), por partilhar dos seus conhecimentos que muito contribuiu na elaboração deste projeto de pesquisa. E, em especial, a orientadora Fernanda Almeida Pereira, por partilhar dos seus conhecimentos, incentivo e, por acreditar nesta proposta de trabalho, permitindo que me sentisse capaz de seguir adiante.

Ao Secretário de Educação do município de Santa Bárbara: Nestor Júnior, pelo apoio durante o curso.

Às crianças observadas, que mesmo sem saber, colaboraram e contribuíram durante todo o processo de investigação.

E a todos que de alguma maneira favoreceram a realização desse sonho. Meus sinceros agradecimentos.

JESUS, Maria das Graças Almeida de. **As brincadeiras e suas contribuições para o desenvolvimento infantil de Crianças com 04 anos.** Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

A brincadeira povoa o universo infantil desde os tempos mais recentes da história. A ação do brincar é um dos momentos em que a criança poderá construir sua moralidade, afetividade perante as situações desafiadoras e significativas que o brincar pode proporcionar. O presente trabalho tem como tema central “As brincadeiras e suas contribuições para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos”, tendo por questão de pesquisa: De que maneira as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento de crianças com 04 anos?. E para responder ao questionamento é que o objetivo principal deste trabalho monográfico é o de compreender como as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos. E para compreender as contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento infantil é que se buscou na revisão de literatura seu aporte teórico, em estudiosos como Kishimoto (2003), Almeida (2000), dentre outros, que pontuam a importância das brincadeiras dentro do espaço escolar, contribuindo para o desenvolvimento das crianças de forma integral, além disso, para compreender melhor as relações entre a brincadeira, aprendizagem e desenvolvimento, recorri à observação das crianças em situações de brincadeira. A metodologia adotada foi a qualitativa, inspirada na etnopesquisa participante, de base fenomenológica e a técnica de produção de dados foi o diário de campo, tendo como sujeitos da pesquisa eu (a professora da turma) e os alunos da Educação Infantil, Grupo 4.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincadeira. Desenvolvimento Infantil. Processo de ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 PROBLEMÁTICA	10
1.2 PROBLEMA	12
2 MEMORIAL FORMATIVO	13
2.1 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	29
3 METODOLOGIA	35
3.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA	36
3.2 CAMPO DE PESQUISA (CENÁRIO)	37
3.3 SUJEITOS/FONTES	38
3.4 INSTRUMENTOS OU DISPOSITIVOS PARA PRODUÇÃO DOS DADOS OU PARA BUSCA DE INFORMAÇÕES	38
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: QUANDO AS CRIANÇAS BRINCAM	39
4.1 AS OBSERVAÇÕES	39
4.2 DISCUSSÃO DOS ACHADOS	42
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	61

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo reflete o meu esforço formativo em compreender como as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos. Trata-se de uma investigação sobre a importância dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento infantil.

A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, possibilidades de uso de materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora ela aprende novas brincadeiras. Assim eles vão garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica. (KISHIMOTO, 2010 *apud* SOMMERHALDER; ALVES, 2011, p.62).

Ao observar a rotina da minha turma do Grupo 4, pude perceber que as crianças, logo na chegada, vão se organizando em pequenos grupos e tirando o brinquedo da mochila, para brincar. Aqueles que não conseguiram trazer nenhum brinquedo de casa vão até o armário da sala de aula e pegam o balde com brinquedos de encaixar para brincar também, sem se incomodar com o tempo ou com a rotina da aula. Percebi que as crianças interagem mais quando as atividades propostas envolvem brincadeiras, pois a partir destas elas podem ser elas mesmas, desinibidas, autoconfiantes, desvoltas, construtoras de novos saberes.

Neste sentido KISHIMOTO (2010 *apud* SOMMERHALDER; ALVES, 2011) afirma que:

Brincar é uma ação cotidiana para a criança que a impele a tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si e ao outro, partilhar brincadeiras, construir sua identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura na perspectiva de compreendê-la, usar o corpo, os sentidos, os movimentos e as várias linguagens. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância que coloca a brincadeira como a ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010 *apud* SOMMERHALDER; ALVES, 2011, p. 61).

A brincadeira se constitui em um instrumento de extrema relevância para o desenvolvimento da criança. Mas, de que maneira as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento de crianças com 04 anos? Para responder a esta questão de pesquisa elenquei como objetivo geral: Compreender como as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos.

E para efetivação deste objetivo geral foram elencados como objetivos específicos: realizar brincadeiras com as crianças a fim de observar o interesse, a participação e possíveis aprendizagens que contribuem para o desenvolvimento infantil; identificar as principais aprendizagens infantis construídas a partir das brincadeiras desenvolvidas com as crianças da turma; descrever, a partir da observação, a relevância das brincadeiras no favorecimento do desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos.

Após as análises das observações, constatei que os jogos/brincadeiras, são ferramentas relevantes para o processo de desenvolvimento infantil, promovendo uma maior socialização e interação entre as crianças, proporcionando novas experiências cognitivas, afetivas, verbais, sociais e motoras, que colaboram para o desenvolvimento infantil.

O tempo destinado ao lúdico deve ser estruturado no currículo da escola e colocado em prática através do planejamento das professoras ao longo da rotina. A utilização do lúdico como recurso pedagógico tem que ser vista, com cautela e clareza. Brincar é uma atividade lúdica, se deixar de ser, perde o sentido como jogo ou brincadeira.

Desse modo, o RCNEI (1998) afirma que:

[...] cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos e regra e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independentemente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

Quando brinca a criança pode resolver conflitos, e ao mesmo tempo, compreender pontos de vista diferentes, de fazer-se entender e de demonstrar suas habilidades, suas opiniões e, sua capacidade criadora. A capacidade para imaginar, fazer planos, criar estratégias, apropriar-se de novos conhecimentos, surge nas crianças através do brincar.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa inclui as minhas reflexões sobre a minha prática, e as análises de brincadeiras, propostas por mim, na turma de Educação Infantil, (Grupo 4), em que leciono, na Escola Municipal Monteiro Lobato, no Município de Santa Bárbara-Ba, e discute as contribuições da brincadeira para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos. Os dados produzidos no trabalho

empírico foram analisados, a partir do referencial teórico adotado nesta pesquisa, tendo em vista a organização de um planejamento que priorize a brincadeira no cotidiano da Educação Infantil.

Este trabalho foi organizado em 05 (cinco) capítulos, incluindo esta introdução. No capítulo 2 é apresentado o memorial com base nas experiências durante o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil e o diálogo com os componentes curriculares do curso e, com algumas propostas apontadas nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1998) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010).

Em seguida, apresento um texto que discorre sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. O texto fala sobre as conquistas que as crianças adquirem através da brincadeira e dos jogos na Educação Infantil, se tornando, assim, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social da criança. Trata-se de um diálogo com alguns autores que tratam dessa temática.

No capítulo 3, apresento a metodologia que foi utilizada para este estudo, de abordagem etnográfica. Descrevo, também, a minha prática de sala de aula, bem como todo o percurso ao longo da pesquisa, com a caracterização do lócus empírico, dos sujeitos da pesquisa, bem como as dificuldades e alegrias vivenciados que contribuíram para minha formação.

No capítulo 4 descrevo, analiso, discuto sobre os dados produzidos na fase da pesquisa de campo. Apresento a análise e discussão dos dados na Escola Municipal Monteiro Lobato. Neste capítulo está a parte que considero mais rica da pesquisa, pois foi onde pude exercitar a minha capacidade dialógica entre os dados produzidos e o referencial teórico capaz de me fazer refletir sobre as contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento infantil de crianças na faixa etária de 04 anos.

Por fim, no quinto capítulo, estão elaboradas as considerações finais desta pesquisa, abordando as principais aprendizagens, os limites e alcances.

1.1 PROBLEMÁTICA

Na turma de Educação Infantil, em que leciono, na Escola Municipal Monteiro Lobato do município de Santa Bárbara, na zona urbana, no turno vespertino, logo na chegada, às 13h, as crianças vão se organizando em pequenos

grupos e tirando o brinquedo da mochila, para brincar.

Aqueles que não conseguiram trazer nenhum brinquedo de casa vão até o armário da sala de aula e pegam o balde com brinquedos de encaixar para brincar também, sem se incomodar com o tempo ou com a rotina da aula.

Este momento acontece devido a uma convenção estabelecida com a coordenação pedagógica para que se possa aguardar a chegada de todas as crianças na escola, às quais muitas vezes, se atrasam devido a outros afazeres de seus responsáveis.

As crianças se sentem à vontade neste momento, porque não há cobranças, é um momento só entre elas e o brincar, um universo só seu. Percebe-se que a brincadeira dá à criança o poder para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, partilhar experiências com o outro; é um momento em que elas vivem e constroem o seu mundo.

Em minha sala de aula percebo que as crianças interagem mais quando as atividades propostas envolvem brincadeiras, pois a partir destas elas podem ser elas mesmas, desinibidas, autoconfiantes, desenvoltas, construtoras de novos saberes.

Nesse contexto, pode-se indagar: De que maneira as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento de crianças com 04 anos?

Para Vygotsky (1993) o brinquedo tem um grande papel para o desenvolvimento da identidade e autonomia. A criança desde muito cedo, pode se comunicar por meio de gestos, sons, além de representar determinado papel na brincadeira, desenvolvendo sua imaginação.

Muitas vezes pode-se perceber a necessidade de deixá-las à vontade para brincar, criando entre elas situações de faz-de-conta, reproduzindo situações do dia-a-dia com seus colegas, o que proporcionará a construção do conhecimento de forma mais significativa e participativa.

Porém, vale ressaltar que estes momentos são organizados e previstos dentro do planejamento que realizo em conjunto com a coordenação da escola em que atuo.

Concordo com Kishimoto (2003), quando afirma que as situações imaginárias criadas pela criança enquanto brinca estão interligadas com a capacidade de imitação, criatividade e imaginação, além de trazerem consigo regras de comportamento implícitos, advindos das formas culturalmente constituídas dos homens se relacionarem e com as quais as crianças convivem no seu cotidiano sem

reservas e limites impostos.

É na ação do brincar que a criança descobre conceitos, desenvolve ideias, estabelece relações lógicas, agrega percepções e, o que é mais importante, acabasse socializando com as demais crianças de sua sala de aula.

E estas ações são observadas por mim na sala de aula que leciono, pois as crianças ficam maravilhadas com qualquer tipo de brincadeira, deixando de lado suas diferenças, suas desigualdades, compartilhando os brinquedos e ideias.

Entretanto, nem sempre é assim, pois há dias em que as crianças disputam brinquedos, têm momentos em que se chateiam, se aborrecem porque convidam colegas para brincar e estes não aceitam ou fazem coisas que o colega não gosta, mas é válido afirmar que o brincar os envolve e conquista na realização das atividades propostas.

Nesta perspectiva é que Almeida (2000) sinaliza que “O jogo mantém relações profundas entre as crianças e as faz aprender a viver e a crescer conjuntamente nas relações sociais” (ALMEIDA, 2000, p. 53).

Partindo deste contexto é que as brincadeiras, e, principalmente, sua presença na Educação Infantil, traz grandes benefícios e contribuições, pois através das brincadeiras a criança aprende a conviver com o outro, respeitando o direito do próximo, bem como as normas estabelecidas pelo grupo.

1.2 PROBLEMA

Segundo pesquisadores, como Friedmann (2012), Almeida (2010), dentre outros, as brincadeiras no contexto da Educação Infantil, trazem grandes benefícios e contribuições para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

A partir desta constatação é que se pode realizar a seguinte indagação: “De que maneira as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos?”.

2. MEMORIAL FORMATIVO

“SE BEM ME LEMBRO”

Quando ingressei no Magistério, não tinha muito conhecimento teórico/prático, mas aceitei o desafio de ser professora em uma Escola da Zona Rural de Santa Bárbara, cidade do interior da Bahia. Foi difícil, pois era uma turma multisseriada (2ª à 4ª séries). Como tinha acabado de ingressar no Curso de Pedagogia na UNEB (Universidade do Estado da Bahia), Projeto Rede UNEB 2000, percebi que essa seria uma ótima oportunidade para colocar em prática o que estava aprendendo na Faculdade. Com o passar do tempo, fui vendo que teoria e prática precisam andar juntas no cotidiano escolar.

No ano seguinte, fui convidada a trabalhar em uma Creche/Escola, na sede do município e, mais uma vez, aceitei o desafio.

Recordo-me que nos primeiros dias, não foi nada fácil, pela falta de experiência profissional que tinha, mas o cotidiano com os alunos, foi se tornando algo tão prazeroso, que em pouco tempo eu já me sentia uma mestra em Educação Infantil. Foram momentos maravilhosos e enriquecedores para o meu desempenho no curso de Pedagogia. Tornei-me uma professora de Educação Infantil! Orgulho-me de fazer Educação Infantil no meu município.

O cotidiano de sala de aula na Educação Infantil sempre reserva grandes conquistas no desenvolvimento das crianças. Empilhar blocos lógicos, narrar acontecimentos ou, recontar uma história, fazer um desenho, ajudar um coleguinha a amarrar o cadarço do sapato, etc., são situações favoráveis para o desenvolvimento de habilidades cada vez mais complexas.

Continuo atuando na Educação Infantil em duas escolas e tenho uma rotina cheia de surpresas maravilhosas, pois trabalhar com essa clientela, para mim, é ser surpreendida a cada momento com grandes conquistas. Do traçado de uma letra, até a escrita do próprio nome com autonomia (saliento que, a Educação Infantil não deve antecipar o processo de alfabetização) é um grande caminho, cheio de sabedoria e riquezas culturais, que as crianças já trazem na bagagem. Pensar a criança como um ser sem conhecimento, sem sabedoria e sem história é um grande erro que muitos profissionais já praticaram (ou praticam), desconsiderando, assim, os conhecimentos prévios das crianças.

Como sempre, busquei novos conhecimentos, que me auxiliem na minha prática em sala de aula. Desse modo, no ano de 2012, me matriculei no PROFA (Programa de Formação de Professor Alfabetizador) e, mais uma vez, foi gratificante fazer parte desse curso que, tem servido de suporte teórico ao meu trabalho e, mais que isso, tem me dado conhecimento suficiente para enxergar os avanços dos meus alunos e perceber em que fase da aquisição da leitura e da escrita, cada aluno está. Servindo assim de luz para guiar o caminho que devo seguir, no momento de criar estratégias de aprendizagem para meus alunos. O uso do faz-de-conta, por exemplo, pode ser utilizado como uma atividade precursora da produção de escrita. Hoje, entendo o erro (no processo de aprendizagem), como algo significativo, prazeroso; valorizando o percurso feito e, não somente os resultados obtidos.

Interessei-me, pelo Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, primeiro porque entendo o processo de aprender como algo vitalício e, não concebo ser uma profissional parada no tempo, pois o conhecimento não é estático, pronto e acabado. E, em segundo lugar, pela necessidade de caminhar junto com os saberes aprimorando-os e, melhorando a prática escolar, junto à clientela, proporcionando assim um ambiente favorável para a troca de conhecimentos, favorecendo a aprendizagem.

Minhas expectativas com relação ao curso de Especialização foram as melhores possíveis, pois sabia que ele me serviria de suporte (mais uma vez) teórico/prático, na minha caminhada na Educação Infantil, proporcionando momentos de construção de outras práticas leitoras e, troca de experiências com outras pessoas, assim também como a possibilidade de fazer pesquisa de campo para descobrir como as crianças constroem o conhecimento, ou seja, como elaboram o processo de aprender.

Assim sendo, a busca incessante por novos conhecimentos me impulsionou e impulsiona, a cada momento, para novos horizontes.

Quando fui informada pela Secretaria Municipal de Educação, que fui selecionada para fazer parte da terceira turma do Curso Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI) fui tomada por grande emoção, pois apesar de ter esperança de ser aprovada, o medo da decepção ficava rondando a minha mente e me enchendo de ansiedade e expectativas. Enfim, chegou o grande dia de comemorar a minha vitória e das minhas colegas que fizeram a prova junto comigo. Após esse período de alegria e suspense, o próximo passo foi de coletar

informações sobre a matrícula no curso. Olhei no site e lá estavam todas as informações que buscava: data, local, documentos necessários, etc.

No dia 22 de novembro de 2014 cheguei juntamente com as colegas para realizarmos a matrícula. Ocorreu tudo bem, todas estavam aptas a fazer o curso. Fomos informadas de que nos dias: 28, 29 e 30 de novembro de 2014 teríamos um seminário de instalação da 3ª edição do curso: “Como se fosse uma brincadeira de roda”, todos se maravilharam com a participação de cada seminarista, que passou e deixou suas marcas e contribuições.

Na sexta feira, tivemos a abertura dos trabalhos com o professor Dr. Claudir Belintane. Para ele, a obstinação com que os educadores se fixam na escrita, para resolver as questões relativas à alfabetização, é um erro estratégico para o processo que pode ter efeito contrário sobre os alunos, principalmente entre aqueles que provem de ambientes com pouca prática de leitura. O palestrante, também falou sobre a importância dos registros para o desenvolvimento das competências que se inferem na escrita e na leitura dos alunos, assim como na apresentação oral. O registro nos permite argumentar sobre diferentes focos: foco na escrita; foco na fala e na leitura. Foi uma noite bastante proveitosa e gratificante, descobrir tantas experiências proveitosas.

No sábado pela manhã, tivemos uma excelente participação da Trup Errante, que nos apresentou o lindo espetáculo: Teto Cheio de Furos e, dois poemas, que nos emocionou e nos encheu de fantasia e sonhos. Em seguida, tivemos a participação da Educadora terapeuta Josiêda Amorim, que falou sobre “As mãos dos que tecem a Educação Infantil”. Josiêda nos levou a refletir sobre vários questionamentos: quem sou eu? O que me faz ficar na sala? O que me faz permanecer?

No domingo, foi (infelizmente) o último dia do Seminário e, fomos apresentadas, mais uma vez, com o grupo Trup Errante, que apresentou Sarapopéia: um sarau de poesias, que ao final, emocionou toda a plateia, dando-nos uma grande oportunidade de redescoberta da arte. Logo, em seguida, chegamos ao encerramento do Seminário, que deixou muitas saudades.

Chegamos ao grande dia, em que, de fato iniciaram as aulas do curso e (exatamente no dia 06/12/2014) fomos convidadas a fazer parte de uma linda festa para Dona Palavra. Foi uma atividade divertida, pois brincamos livremente com as palavras e colocamos a nossa criatividade em ação. A festa foi um sucesso, cheia

de canções, homenagens, receitas, mensagens, etc. tudo digno de uma grande personalidade. Dona palavra ficou satisfeita e emocionada com as outras palavras convidadas e, com a dedicação da equipe organizadora.

No dia 13 de dezembro de 2014, estávamos degustando a nossa segunda aula, e fomos presenteadas com Aula Palestra, com a professora Lícia Beltrão, dona de uma simpatia ímpar, dotada de conhecimentos, nos proporcionou momentos de interação com a palestra e, com a leitura do livro: Guilherme Augusto Fernandes. A partir da leitura que introduziu a aula sobre Memorial, pois o livro, fala da memória (Eu me lembro). O direcionamento da aula palestra foi espetacular e, nos serviu de suporte para a aula da tarde e da produção do memorial, solicitado pelas professoras de ACP (Análise Crítica da Prática Pedagógica): Neuza e Regina.

No dia 24 de janeiro de 2015, retornamos às aulas do curso, após o recesso de final de ano e, fomos abrilhantadas com a oficina: Brinquedos e brincadeiras no Cotidiano da Educação Infantil, com a Professora Leila Soares. No primeiro encontro, fomos convidadas a listar, em grupo, as brincadeiras que fazem parte das nossas lembranças de criança. Listamos brincadeiras como: Cabra-cega, Bambolê, Chicotinho queimado, Pula corda, Macaquinho, morto/vivo, gude, ioiô, roda, carrinho de rolimã, pipa, bicicleta, pião, dança da cadeira, baleado, anel-anel, casinha, show de calouros, desfile, carro de mão, etc..

Aprendi que brincar é uma importante forma de comunicação, é por meio desta atividade que a criança pode reproduzir o seu cotidiano, num mundo de fantasia e imaginação. As brincadeiras são de fundamental importância na educação das crianças, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e, da criatividade, estabelecendo desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem.

A oficina Brinquedos e Brincadeiras no Cotidiano da Educação Infantil, foi realizada em quatro encontros: 24 e 31 de janeiro; e 07 e 28 de fevereiro; sendo que no dia 31 de janeiro a professora Leila, não pode comparecer e, fomos contempladas, com a participação do Projeto Lúdica – Educação musical para bebês. O trabalho com bebês foi desenvolvido baseado na filosofia do educador musical belga Edgar Willens, que refletiu sobre a vida humana, natureza essencial dos elementos da música e traçou um paralelo relacionando, a princípio o ser humano à música. Partindo disso, ele relacionou a vida mental (intelecto) com a harmonia. Na prática, Willens destaca quatro atividades indispensáveis nas aulas de iniciação musical: Desenvolvimento Auditivo, Desenvolvimento Rítmico, Locomoção

e Canção.

As aulas de iniciação musical para bebês estimulam o sistema sensorial, a coordenação motora e a linguagem gestual. A atividade também promove a socialização e fortalece vínculos entre pais e filhos. Para além de todos esses benefícios, o potencial lúdico de uma atividade de iniciação musical é grande e certamente as crianças podem se divertir muito!

Foram momentos de muita aprendizagem e descoberta. O projeto Lúdico é coordenado pelos professores Carmelito Lopes e Letícia Lopes. Os dois atuam ministrando aulas de iniciação musical para bebês, na certeza de melhorar o sistema sensorial, coordenação motora e a linguagem gestual. As aulas tem duração de 45 minutos. Durante as aulas que são sempre acompanhadas pelo professor Carmelito Lopes ao teclado, a professora Letícia estimula a manipulação de instrumentos e propõe várias brincadeiras de roda.

As atividades e canções conduzidas por eles promovem a movimentação natural – andar, marchar, correr, dançar, a expressão através de gestos e o contato dos bebês com diferentes estilos musicais.

O conhecimento acerca do histórico da brincadeira é fundamental para a compreensão do percurso do ato de brincar ao longo dos tempos, podendo proporcionar aos educadores uma comparação da brincadeira antes e atualmente, principalmente tomando por base a perspectiva sociocultural. Não podemos negar a importância pedagógica do lúdico e, a necessidade de que todos os educadores tenham essa concepção para que possam contribuir efetivamente com o aprendizado das crianças, tornando-se mediadores na construção do conhecimento infantil.

Os estudos interativos, sobre Infâncias e Crianças na Cultura Contemporânea e nas políticas de Educação Infantil, foram iniciados no dia 07 de março de 2015, com a Professora Marlene Oliveira, com as turmas reunidas no auditório.

Para as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2009) a criança é entendida como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

As crianças são seres presentes aqui/agora, cada uma com sua individuali-

-dade, desejos, necessidades e é importante possibilitar a elas múltiplas formas de expressão para a sua emancipação como sujeitos críticos frente às dificuldades, limitações e possibilidades cotidianas.

Durante os encontros dos dias 07, 14 e 21 de março de 2015, fizemos estudos, para nos aprofundarmos sobre infância e criança na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil.

As funções da Educação infantil explicitadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2009) revelam seu caráter educativo e o compromisso com os direitos da criança, principalmente, a ser respeitada como ser humano, desvelando a sua potencialidade e capacidade de relacionar-se com os outros, interagir com o mundo e de se apropriar de diferentes saberes e conhecimentos produzidos historicamente, reelaborados e reinventados no presente.

Como dizem as DCNEI (BRASIL, 2009):

[...] a Educação Infantil vive um intenso processo de concepção sobre a educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Em especial, têm se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches e como garantir práticas junto às crianças de quatro e cinco anos que se articulem, mas não antecipem processos do Ensino Fundamental (BRASIL, 2009, p. 02).

A professora Marlene Oliveira dos Santos nos proporcionou momentos de discussões a respeito dos diferentes conceitos de infância e de criança.

Quando falamos em infância, muitas vezes, nos deparamos com visões que desconsideram que os significados que damos a ela dependem do contexto no qual surgem e se desenvolvem e, também, das relações sociais nos seus aspectos econômicos, histórico, cultural, político, entre outros, que colaboram para a construção de tais concepções.

A compreensão de infância foi mudando ao longo dos tempos. Hoje a criança é vista como alguém que tem a sua própria identidade, seus direitos. Os movimentos sociais, ao longo do tempo, fizeram com que a criança tivesse lugar na sociedade como um sujeito de direitos. A criança não tinha direito nem à vida, pois a mortalidade infantil era muito grande e o infanticídio, tolerado.

Para Bernard Charlot (2003), a imagem da criança é contraditória, exatamenu

-te porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. Sendo assim, a imagem da criança, é o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam sobre si. Durante muito tempo vigorou essa visão adultocêntrica.

Um processo constante de ressignificação vem sendo construído e novos estudos se definem pela compreensão da criança como sujeito, que tem seu alicerce na concepção histórico-cultural, ou sócio-interacionista de Vygotsky entre outros estudos, a abordagem psicológica, o desenvolvimento humano e, por que não dizer, o desenvolvimento infantil, deve ser visto em todos os aspectos e sob múltiplas dimensões.

Os estudos contemporâneos trazem como tese principal o fato de que as crianças participam coletivamente na sociedade e são sujeitos ativos. Ou seja, trazem uma proposta de estudar a infância por si própria, entendendo a criança como um ser social e histórico, produtor de cultura.

O ato de cuidar e de educar é complexo e tem merecido inúmeros estudos, nas últimas décadas, no que se refere à Educação Infantil. Documentos oficiais do Ministério da Educação procuram orientar os educadores, na tarefa de educar as crianças para o convívio social.

Ao ser inserido no ambiente educativo fora do contexto familiar, exige-se que sejam contemplados objetivos e estratégias próprias à idade e aos momentos dessas crianças, tais como: seu bem-estar, segurança, brincadeiras, movimentos e principalmente conhecimentos, pois é nesse contexto em que a criança vai desenvolver-se física, social, emocional e cognitivamente.

A Constituição de 1988 foi a primeira no Brasil a reconhecer os direitos das crianças de 0 a 6 anos à educação, afirmando o dever do estado e da família. Foi a partir daí que a educação na creche e na pré-escola passou a ser vista como um direito da criança.

Nesse contexto, houve também a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no ano de 1990, que explicou cada um dos direitos da criança e do adolescente.

O ECA foi um auxílio a mais para a construção de uma educação específica dedicada às crianças. A partir daí, intensificaram-se as ações tendo a Educação Infantil como objeto de planejamento, legislação e de políticas educacionais. Em paralelo ao seu reconhecimento como primeira etapa de educação básica, a partir das determinações da LDB lei n 9.394/96 que dedicou os artigos 29 a 31 a essa eta-

-pa de educação.

Na medida em que avançam os estudos e pesquisas nesse segmento da educação, passa-se a valorizar a infância. A criança vem a ter um espaço social, um momento para seu desenvolvimento intelectual e pessoal em um ambiente próprio para a sua aprendizagem, que são as instituições de Educação Infantil. Nessa mesma perspectiva, dentre os documentos elaborados em prol da educação das crianças surge o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21) afirmando que “a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico”. Dessa maneira, pensa-se a Educação Infantil como uma etapa para desenvolver habilidades e socializar a criança por meio de vivências que possibilitem a construção de conhecimentos necessários à sua realidade.

Segundo o RCNEI (1998), cabe às instituições de Educação Infantil, oferecer às crianças condições para aprendizagens que decorram de brincadeiras e de situações pedagógicas intencionais e orientadas por adultos. Assim, ações educativas devem propiciar às crianças a aquisição de conhecimentos, levando em consideração que a aprendizagem nessa fase deve ser construída em um ambiente propício à sua faixa etária, através de atividades que envolvam brincadeiras, jogos, enfim, atividades que promovam interação e socialização entre as crianças.

Durante muito tempo, a Educação Infantil foi vista como um meio somente de cuidar das crianças de forma assistencialista. Com o passar dos anos, com o engajamento dos professores e pesquisadores da área, muitos avanços foram conquistados de modo que houve a necessidade de repensar as práticas na Educação Infantil, de modo que, além de cuidar, necessita proporcionar às crianças formas de potencializar as habilidades, sendo considerada como a primeira etapa educativa, que prima pelo brincar em todos os momentos. O brincar como tônica da Educação Infantil.

Hoje não é possível dissociar o cuidar e o educar, pois estes são o centro da Educação Infantil e o desenvolvimento da criança depende desses fatores associados.

O professor exerce função tão importante quanto os pais no desenvolvimento da educação formal da criança, pois na sua prática não oferece apenas aquilo que sabe, mas também aquilo que é, através das interações com os alunos, na observação, compreensão e na ação. Seu papel é desafiar a criança a continuar pensando, sentindo, brincando, se relacionando, enfim, desafiá-la a cons-

-truir sua identidade.

Uma ação pedagógica capaz de contemplar todas as dimensões da criança é um desafio para os educadores, que devem possuir uma vasta bagagem e uma formação capaz de lhes assegurar práticas que permitam às crianças, afirmar sua autonomia, exercer atitudes, romper certas lógicas amparadas na visão adultocêntrica, dialogar e apropriar-se dos elementos da cultura, com base na lógica infantil.

Segundo dados de uma pesquisa recente e divulgadas no III Encontro Estadual do Proinfância, que aconteceu em Salvador, no dia 28 de março de 2014, há uma melhora em alguns aspectos da Educação Infantil nos municípios, mas afirma que ainda há um longo caminho a percorrer para resolver as fragilidades encontradas.

O relatório da pesquisa mostra que 43% das instituições pesquisadas já possuem um setor específico para a Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação, porém 57% dos municípios ainda não possuem esse setor. Isso nos mostra que ainda há um longo caminho a ser percorrido no sentido de dar mais visibilidade à infância e à Educação Infantil como área de atuação docente de forma qualificada.

Outro problema detectado na Bahia é quanto ao nível de instrução dos professores da Educação Infantil. Dados do Censo Escolar 2010 mostram que praticamente a metade dos professores que atuam na Educação Infantil não possui formação superior completa (49,4%), desses 0,2% possuem ensino fundamental incompleto, 0,5% fundamental completo, 28,3% possuem ensino médio (Normal/Magistério), e 20,4% ensino médio. Notamos a necessidade de um investimento maior, por parte dos municípios, na formação inicial e continuada dos professores que atuam nesse segmento, uma vez que a maioria não tem a habilitação mínima exigida pela atual Legislação educacional brasileira.

O município de Santa Bárbara (Bahia) conta com uma realidade bastante próxima a essa, pois percebemos que no decorrer dos anos, ainda vemos professores sem a formação mínima exigida, atuando na Educação Infantil.

Na década de 1980 nosso município contava com Educação Infantil na escola Centro Educacional São José, tenho ótimas recordações dessa época, pois tive a oportunidade de estudar a pré-escola e, lembro-me da primeira professora, que se chamava Maria das Graças, ela era muito meiga e carinhosa.

Ao longo dos tempos, lembro-me que a Educação Infantil foi deixada de lado pelas escolas públicas e, só quem podia pagar uma escola particular, colocava o seu filho para estudar.

Com um pouco mais de tempo surgiu o Centro Comunitário Santa Luiza de Marillac dirigido pelas Irmãs de Caridade, onde funciona a creche municipal, que fechou em 2001 e neste mesmo ano, foi fundada a Creche-Escola Dr. Wilson da Costa Falcão, administrada pela Secretaria Municipal de Educação em outro espaço escolar.

A creche surgiu com o objetivo de oferecer às mães oportunidades de exercer um trabalho fora de casa, deixando seus filhos nessa instituição. Ou seja, foi criada com a função assistencialista, tendo como foco a mulher trabalhadora, refletindo a visão da Educação Infantil como serviço de apoio familiar para o exercício de função remunerada e não como potencializador do desenvolvimento infantil.

Hoje o município conta com duas creches e, contamos também, com a Pré-escola (04 e 05 anos) na maioria das escolas municipais.

Devemos considerar os desafios a serem enfrentados no campo da Educação Infantil que são inúmeros, envolvendo desde as condições de infraestrutura, escassez de recursos materiais e humanos, até a necessidade de rever as práticas e investir na formação dos profissionais que nela atuam. Apesar do reconhecimento da Educação Infantil pela lei e da defesa da mesma por parte de vários discursos de profissionais e técnicos da área, ainda assim, nesse contexto de desvalorização, o professor sente dificuldades no desenvolvimento do seu trabalho.

O professor, desde o movimento em que opta por sua carreira, se depara com obstáculos que surgem no desenvolvimento de suas práticas, porém é um profissional que tem a grande responsabilidade de formar os cidadãos visando a formação integral da criança e a melhoria da sociedade como um todo.

Com um bom curso de especialização e com a necessidade de nos prepararmos para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tivemos um módulo formativo para aprender, um pouco mais, sobre metodologia do trabalho científico.

A metodologia é o estudo dos métodos, ou seja, análise dos processos utilizados para o estudo de determinado assunto. Ela é uma forma de conduzir a pesquisa. Foi nesse contexto que no dia 16 de maio de 2015 iniciamos as aulas da

disciplina Metodologia de Pesquisa e Educação Infantil, com a professora Maria Elisa Pacheco, que nos permitiu uma reflexão sobre a pesquisa na Educação Infantil.

Iniciamos assim, refletindo sobre os conceitos de metodologia, pesquisa, problema e problemática, enfim, sobre todos os elementos presentes em um texto monográfico.

E então, após algumas discussões, fui desafiada (assim como as demais colegas do curso), a fazer um inventário que é a verificação na minha prática cotidiana do que incomoda, o que acontece na sala de aula, que causa mal estar, para identificar uma situação de incômodo, justificando assim a pesquisa. A partir do inventário da turma, surgiu a problemática, que é o problema propriamente dito e o contexto do qual emerge.

Na revisão de literatura, selecionamos dez textos (artigos), para análise, sendo que dois dos textos foram do livro: “A criança fala - A escuta de crianças em pesquisa”. Este livro oferece um rico material acerca da escuta de crianças em pesquisa científica, pois reúne artigos de estudiosos do assunto de diversas instituições brasileiras e de vários outros países.

A criança tem sido objeto de estudo em pesquisa acadêmicas, no entanto, essas são pesquisas a respeito das crianças e não com a participação direta delas, reforçando a perspectiva adultocêntrica que parece ainda vigorar fortemente na área.

O interesse crescente de pesquisadores de diferentes campos no sentido de aprender os pontos de vista das crianças acerca de temas os mais variados, tem levado a colocá-las no centro de pesquisas por eles desenvolvidas. As perspectivas infantis trazem à luz não somente as peculiaridades da idade, mas experiências vividas em contextos históricos específicos.

O livro enfoca a escuta de crianças em pesquisas, trazendo artigos que apresentam e discutem aspectos fundamentais para a concepção e a realização de investigação com crianças e relatos de pesquisas realizadas.

Durante os estudos na disciplina, fomos convidadas a incluir dois textos deste livro, no quadro de estudo da arte, e foram eles. “Zê, tá pertinho de ir pro parque?” O tempo e o espaço do parque em uma Instituição de Educação Infantil, escrito pelas autoras Zenilda Ferreira de Francisco e Eloísa Acires Candal Rocha. O texto tem como objeto de pesquisa, o tempo e o espaço do parque na Educação

Infantil, numa abordagem teórica sociointeracionista; o campo de pesquisa foi o Núcleo de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis, crianças entre 2 e 3 anos de idade. O estudo revelou que é necessário conhecer a complexidade do brincar e sua desnaturalização. Com ação natural e espontânea, torna-se preponderante a otimização de espaços e tempos pelos adultos.

Já o outro texto escolhido foi Fala Menino! O cotidiano da Creche Comunitária na perspectiva da criança, escrito por Sílvia Helena Vieira Cruz. Foi realizada na Creche Comunitária com crianças de 03 a 06 anos e, 05 e 06 anos, funcionários da creche e as famílias das crianças. O resultado encontrado foi de uma rotina rígida e pobre, com interações precárias, caracterizando uma educação para a subalternidade.

No dia 30 de maio de 2015, continuamos as discussões com a professora Maria Elisa Pacheco. Dessa vez, os trabalhos foram em torno das principais funções do projeto e as questões que deve responder: O que será pesquisado? Por que se deseja fazer a pesquisa? Para que se deseja fazer a pesquisa? Quais recursos serão necessários para a sua execução? Qual a viabilidade para sua realização?

Vale salientar que cada uma destas perguntas remete a uma parte do projeto.

No dia 18 de julho de 2015, tivemos o Seminário de Pesquisa no Auditório I, numa abertura com contação de história. Em seguida, a coordenadora do curso, Lícia deu continuidade com algumas informações. Logo após as alunas cursistas foram divididas em grupos para apresentação dos projetos, para a professora orientadora e a professora convidada.

Foi um momento único para mim, pois nunca tive oportunidade de participar de um evento tão grandioso.

Fui orientada pela professora Fernanda Almeida, a fazer algumas alterações no meu projeto de pesquisa. E, ao longo do trabalho de realização da pesquisa vamos caminhando no processo de escrita e reescrita do projeto, coleta de dados; pois, entendemos que o projeto não é algo pronto e acabado, mas, é necessário um olhar constante na sua construção.

Já no mês de julho, no dia 25, fomos convidadas a participar da Oficina Alvorço de História, que teve as participações das professoras Mary de Andrade Arapiraca, Luciene Santos e Luciene Mota.

A turma foi dividida em três e, eu participei da oficina com a Mestra Mary de

Andrade Arapiraca. Fomos convidadas a fazer uma grande roda e cantar canções conhecidas e, outras que não faziam parte do meu repertório.

Entre as muitas discussões ao longo da oficina, falamos sobre o ato de contar e ler histórias e da importância desses para o desenvolvimento infantil, pois a imaginação, a criatividade, o faz de conta são estimulados, além do grande potencial lúdico que essas atividades proporcionam.

O ato de contar histórias nas escolas era uma forma de distrair as crianças e agora, vem surgindo a figura do contador de histórias. Segundo alguns estudiosos, a contação de história é um precioso auxílio na prática de professores. É uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. É uma das maneiras mais significativas que a humanidade encontrou para transmitir conhecimentos e valores. Sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

A contação de história está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dela incentiva a imaginação, o gosto e o hábito da leitura. Somos afetados pelos textos que fazem ponte com nosso inconsciente, nosso mundo interno (interior).

Narrar é uma arte que atravessa tempos e espaços, e mantém ligação entre a tradição e contemporaneidade. No ato de contar, o material escrito não precisa estar presente, pois o que interessa é o enredo. Sendo assim, além da própria voz, podemos usar recursos diversos como fantoches, teatro, caracterização de personagens, objetos musicais, etc.. Além de divertirem, a contação de história atinge outros objetivos como: educar, instruir, socializar, desenvolver a imaginação, a criatividade, a inteligência e a sensibilidade.

As narrativas ajudam às pessoas em geral e às crianças em especial. E, por fim, o narrar é uma arte que atravessa tempos e espaços e, mantém uma ligação entre a tradição e a contemporaneidade.

No dia primeiro de agosto de 2015, participamos do IV Seminário de Pesquisa em Educação Infantil: Como se Fosse uma Brincadeira de Roda, abrilhantado com a presença das professoras Ordália Alves de Almeida (Professora Doutora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), e Natália Fernandes (Professora Doutora da Universidade do Minho, Instituto de Educação – Centro de Investigação em Estudos da Criança, em Portugal), e Professora Leila Soares (FACED/UFBA – Universidade Federal da Bahia).

A partir desse momento formativo, pude compreender que as crianças, por

muitas vezes, são consideradas como não-adultos e, não são vistas como agentes sociais, ativos, que produzem sua própria cultura. Devemos superar a ideia de que as crianças são objetos para serem cuidadas e considerá-las protagonistas sociais.

Não temos dúvida, de que os primeiros anos de vida da criança são fundamentais para o desenvolvimento, envolvendo de maneira significativa os aspectos físico, emocional, espiritual (não necessariamente religioso) e cognitivo, que serão o alicerce para a sua aprendizagem e interação com o mundo físico e social. No entanto, isso não pode ser levado em conta, visando apenas a possibilidade da criança ser bem sucedida no futuro, mas, principalmente, buscando proporcionar-lhe espaços para que possa viver sua vida de hoje, de maneira plena.

Na década de 1980 surge a Sociologia da Infância, com o objetivo de resgatar a infância das perspectivas que a compreendem como um período maturacional do desenvolvimento humano.

Os estudos desenvolvidos a partir desse novo olhar, partem do pressuposto de que a criança tem papel ativo no seu processo de socialização, sendo esta a razão de buscar a valorização das “FALAS INFANTIS”, e, compreender suas perspectivas sobre o mundo.

A criança tem que ser vista como um ser competente, ativo, crítico, comunicativo e, conseqüentemente, capaz de se posicionar a respeito das situações e relações que mais lhe afetam.

Sendo assim, a Sociologia da Infância permite um outro olhar sobre a infância, partindo das suas experiências cotidianas e dos problemas sociais em que se confrontam, permite recentrar a atenção para as problemáticas que condicionam as suas vidas, que porventura poderão passar despercebidas aos olhares adultos, que olham a ordem social das crianças, através das suas lentes.

A oficina de Música e Teatro aconteceu no dia 01 de agosto, na parte da tarde com o Professor Jean Prado. A música é uma importante e eficaz fonte de comunicação. Desta forma, consideramos a linguagem musical como importante instrumento de aprendizagem, como uma estratégia de aprendizagem a que deve ser usada em sala de aula.

Por meio da linguagem musical é possibilitado às crianças desenvolverem a percepção, expressão e autodefinição. Assim, é importante que o professor utilize a música como uma estratégia de aprendizagem que permita ao aluno, descobrir sons, prestar atenção ao seu ritmo, melodia, mensagem, assim como, saber ficar em

silêncio para ouvir os sons do ambiente.

A música é fundamental na Educação Infantil, fazendo parte do dia-a-dia das crianças e, é uma rica ferramenta no trabalho dos professores que buscam integrar diversas áreas do conhecimento. Mas, não podem ser vistos e utilizados apenas como ferramenta, sob o risco de se transformarem em mecanismos de adestramento, formação de hábitos e preenchimento do tempo.

Destacamos, portanto, a importância da música na Educação Infantil como atividade capaz de estimular o desenvolvimento, a criatividade, a linguagem oral, o ritmo, a diversão, a livre expressão e qualquer outra possibilidade da música, enquanto ato de desprendimento prazeroso, que comungue com as experiências da criança sem ser uma imposição ou que busque a qualquer custo que a crianças dominem um instrumento, o qual pode minar sua sensibilidade e criatividade (LOUREIRO, 2003).

Apesar de haver atitudes positivas em relação à presença da música na escola, as atitudes e concepções dos professores e gestores, na maioria das vezes, distanciavam-se de uma prática com a educação musical das crianças, levando-nos a questionar e refletir sobre os saberes e práticas docentes referentes à música na Educação Infantil.

As crianças gostam de acompanhar as músicas com movimentos corporais, seja com palmas, sapateados, danças, sendo a partir dessa relação entre o som e o gesto da criança, que ela constrói seu conhecimento sobre a música. É grande a influência que a música exerce sobre a criança. É por isso, que os jogos ritmados, próprios dos primeiros anos de vida, devem ser incentivados e trabalhados na escola.

Infelizmente, logo no início da oficina, tivemos (eu e as colegas de Santa Bárbara) que nos ausentar, devido ao falecimento do pai de uma colega de curso, Maristela. Quando chegou a notícia, a coordenação do curso nos liberou para retornarmos à cidade, visto que o transporte é coletivo.

Em 08 de agosto de 2015, iniciou-se uma sequência de aulas com o Professor Dr. Roberto Sidnei Macedo, que brilhantemente abordou aspectos envolvendo a etnopesquisa e o currículo.

A etnopesquisa prima pela contextualização, indexicalização, historização, compreensão dos etnométodos, valorizando o trabalho com a subjetividade, o cotidiano, as ações e suas realizações.

O desenvolvimento de uma etnopesquisa precisa do etno/pesquisador a definição de um caminho que o permita descrever, interpretar e compreender o outro, o fazer do outro e com o outro.

Rodwell, afirma que os pesquisadores são seres humanos que estudam problemas humanos de maneira humana. (MACEDO, 2004, p.143). Logo, os autores defendem que a humanidade também está presente na condução da pesquisa. Tal condição assumida pelos autores remete ao reconhecimento de uma ausência de neutralidade na pesquisa. Somos seres com interesses, crenças, sentimentos, valores e o rigor, no caso da etnopesquisa, consiste no esforço do pesquisador assumir a parcialidade e, ao mesmo tempo, expor o seu compromisso de ser o mais ético, responsável, respeitador do lugar do outro, da sua fala e das suas singularidades.

A etnopesquisa tem o contexto como sua fonte de dados e, o pesquisador como seu principal instrumento; existe um contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação a ser pesquisada. Seus dados são descritivos e todos os aspectos são, significativamente, valorizados.

Nesta abordagem, valoriza-se a perspectiva qualitativa - fenomenológica. A descrição etnográfica, não consiste somente em ver, mas fazer ver, ou melhor, escrever o que se vê.

O trabalho de campo implica em uma confrontação pessoal com o desconhecido. É uma aventura que demanda constante retomada, pois desempenha uma verdadeira garimpagem de expressões e sentidos.

É de fundamental importância a disponibilidade das pessoas para informar, deixar-se observar, participar ativamente da pesquisa, e até mesmo para construir o estudo como um todo.

Há que se construir uma confiança recíproca, pouco importando o quanto o pesquisador é familiar ou não em relação aos sujeitos do estudo. Deixar bem claro, que a pesquisa visa entender a situação como ela é.

O Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil proporcionou-me momentos ricos de conhecimento. Posso afirmar que revolucionou minhas concepções, com reflexões na minha prática e na minha relação com meus alunos. Isso, sem falar na empolgação dos alunos para ir à aula todos os dias (algumas mães, já me relataram que o filho quer ir à escola até no domingo!).

Meu olhar se tornou mais sensível a tudo que acontece, todos os movimen-

-tos das crianças, as falas, me ajudando a compreender mais meus alunos.

Com os estudos sobre o brincar/lúdico, tenho inserido os jogos e as brincadeiras no cotidiano da minha turma, com mais segurança a respeito dessa prática, incluindo-a durante o planejamento das aulas e não apenas no recreio.

Os jogos e as brincadeiras em grupo dão oportunidade para a criação e modificação de regras, proporcionando a troca de ideias para chegar a um denominador comum. Essas práticas possibilitam às crianças descentrar de si mesmas.

E o recreio? O recreio agora ficou mais legal (como eles mesmos dizem), pois eu participo mais ativamente desse rico momento de aprendizagem, estou sempre disposta a estar junto, como participante da brincadeira e, não apenas como observadora, pois eles fazem questão de me inserir nesse processo e eu, também.

Assim, aprendi a dar mais espaço para criança, para a sua voz, suas narrativas, sua forma de ver, sentir e conhecer o mundo, para suas manifestações feitas com o corpo, dramatizações, brincadeiras, atitudes, pinturas, colagens, modelagens, desenhos e escritas.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

As brincadeiras infantis, o lúdico permite às crianças sonhar, dançar, brincar, inventar, deixar a imaginação solta, proporcionando a estas atingir algo mais que a simples vivência diária, ou seja, a aprendizagem educativa significativa.

É na brincadeira que ela expressa suas emoções, seus desejos, seus sentimentos e age de forma natural no espaço. Os jogos, brinquedos e as brincadeiras proporcionam uma variedade de experiências lúdicas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social de qualquer criança.

Através da brincadeira e do jogo podemos evidenciar a aprendizagem das crianças. Por meio da brincadeira, a criança expõe o que é realmente significativo para ela, demonstrando a aprendizagem construída de forma espontânea.

A importância dada à brincadeira partirá principalmente da concepção que as profissionais envolvidas na Educação Infantil possuem da mesma e, de como se organizará o momento lúdico do currículo desenvolvido pela instituição, para que se garanta a utilização a favor da criança.

Nesta perspectiva, é que se pode justificar a escolha da temática proposta para que se reconheça que as crianças da Educação Infantil precisam de tempo, espaço e materiais adequados para brincarem, para que possam desenvolver-se, interagir e compreender o mundo que as cercam.

A ação de brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, se comunicar por meio de gestos, sons, e, mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação, segundo os RCNEI (BRASIL,1998).

A brincadeira é, sem sombra de dúvidas, uma atividade facilitadora da autonomia, da experiência (experimentação), da criatividade, da pesquisa e das atividades significativas.

O brincar espontâneo, segundo Friedman (2012), abre a possibilidade de observar e escutar as crianças nas suas linguagens expressivas mais autênticas. Esse brincar incentiva a criatividade e constitui um dos meios essenciais de estimular o desenvolvimento infantil e as diversas aprendizagens.

A professora possui o papel de ser mediadora entre a criança e os seus respectivos aprendizados; levando em consideração as suas particularidades e suas individualidades, sua realidade e contexto em que os indivíduos encontram-se inseridos.

Assim, a professora deve construir sua formação, fortalecendo e enriquecendo seu aprendizado. Neste contexto, o trabalho pedagógico desenvolvido dentro da sala de aula exige da professora uma formação abrangente, a qual lhe proporcione uma competência polivalente, bastante envolvente e que promova o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem eficaz e de qualidade.

Nesse contexto, a formação dos profissionais do ponto de vista institucional é instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, a qual prescreveu em seu Artigo 62:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.(BRASIL, LDB, p.46).

Desse modo, a lei indica qual a formação ideal e necessária para as professoras atuarem, principalmente, na Educação Infantil, restringindo o exercício apenas aos profissionais que estejam habilitados em cursos de magistério ou cursos superiores. No entanto, quando se observa o cotidiano das escolas, vê-se que um grande número deles, especialmente os que atendem crianças menores de três anos, são profissionais sem formação específica, ou ainda, com pouca formação geral.

Pode-se observar que as professoras que atuam na Educação Infantil, principalmente, não possuem nenhuma formação específica para atuarem nesta etapa de ensino, isto sendo perceptível no espaço escolar em que leciono, onde a maioria das professoras que lá atuam não possui a devida formação na área, o que traz um déficit considerável para o processo educativo na Educação Infantil.

Assim, a professora, deve ir em busca de uma formação acadêmica inicial e continuada, adquirindo assim, novos saberes, para a sua profissão, para atuar, principalmente na Educação Infantil, utilizando novas teorias e estratégias significativas para a promoção da construção do conhecimento.

Para tanto, deve reconhecer a relevância do tempo do brincar no contexto da sala de aula. Pois, como pontua Almeida (2000):

A educação lúdica, além de contribuir e influenciar na formação da criança [...] possibilitando um crescimento sadio, em enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento [...] (ALMEIDA, 2000, p. 57).

Desse modo, é preciso que as brincadeiras sejam inseridas na rotina da Educação Infantil para que se possa desenvolver o processo educativo de modo satisfatório, pois a rotina organiza o trabalho pedagógico oportunizando inserir as diversas atividades, como as brincadeiras, em prol da aprendizagem significativa.

A rotina, segundo Barbosa (2006), tem por objetivo geral a organização da cotidianidade, por isso esta deve fazer parte do processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Dessa forma, cabe ao professor assegurar diariamente, uma organização das atividades de modo que a brincadeira e os jogos possam acontecer em favor da criança, não se restringindo apenas ao intervalo.

Segundo Piaget (1976) “O jogo não deve ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para gastar energia, pois ele favorece o físico, cognitivo, efetivo e

moral” (PIAGET, 1976, p. 160). Percebe-se que através do lúdico se processa uma construção de conhecimentos, principalmente, pois além do simples brincar, o lúdico promove o desenvolvimento cognitivo.

Porém, na atualidade, diversos autores discordam dessa afirmação de Piaget. Afinal, o lúdico, tal como concebemos, é lúdico na medida em que o sujeito que vivencia a brincadeira ou jogo, assim o percebe.

Então, se queremos que as crianças façam aprendizagens a partir das atividades lúdicas, também precisamos que elas se divirtam e gastem energia e não há problema nenhum que seja assim.

Neste sentido, é que Luckesi (1998) pontua que:

[...] na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento; nós utilizamos da atenção plena, como definem as tradições sagradas orientais. Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. Poderá ocorrer, evidentemente, de estarmos no meio de uma atividade lúdica e, ao mesmo tempo, estarmos divididos com outra coisa, mas aí, com certeza, não estaremos verdadeiramente participando dessa atividade. Estaremos com o corpo aí presente, mas com a mente em outro lugar e, então, nossa atividade não será plena e, por isso mesmo, não será lúdica. (LUCKESI, 1998, p. 14).

Para Ausubel (1982) “[...] a aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento” (AUSUBEL, 1982, p. 58).

É no ato de brincar que as crianças brincando aprendem, constroem o conhecimento, pois como sinaliza Lopes (2006):

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como: a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem, também, algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006, p. 110).

Desta forma, ao brincar a criança aprende a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança, curiosidade, autonomia,

linguagem e pensamento. Brincando as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam. Por isso, Freud (1968) nos diz que a ocupação preferida e mais intensa da criança é o brincar (FREUD, 1968 *apud* SOMMERHALDER; ALVES, 2011, p.16).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil a importância das brincadeiras e atividades lúdicas para a criança se revela:

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos (BRASIL, 1998, p. 28).

A Educação Infantil é a fase das brincadeiras, é o momento em que as crianças estão descobrindo o mundo, criando e experimentando. O brincar dá prazer e para as crianças isto é fundamental, pois, através da brincadeira, elas aprendem.

De acordo com Vygotsky (1991) a brincadeira é entendida como atividade social, cuja natureza e origem específicas são elementos essenciais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere. O ato de brincar deve ser oportunizado, de modo organizado e significativo, dentro dos âmbitos escolares, principalmente na Educação Infantil, para que se possa ampliar a realidade das crianças e, também, possibilitar a estas a construção do conhecimento de forma eficaz.

No entanto, é no acontecimento do jogo livre que a criança entra num processo de aprendizagem espontânea, aprendendo sem medo de errar e sem o constrangimento da presença do adulto, pois ao brincar ela busca estratégias na resolução de obstáculos e conflitos possivelmente presentes (KISHIMOTO, 2003).

O brincar como aprendizado será indispensável para a formação da criança em todas as etapas de sua vida, por meio das brincadeiras as crianças se expressam, assimilam os conhecimentos e constroem o seu mundo.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola em que trabalho, ainda está em construção, portanto, a brincadeira ainda não está, formalmente, integrada às propostas de organização do trabalho pedagógico para as crianças pequenas.

Vale ressaltar, que o brincar na Educação Infantil, estando formalmente presente no PPP, por si só, também não garante que o brincar ocorra na prática

pedagógica da professora de Educação Infantil. Tampouco garante que este brincar esteja a serviço do desenvolvimento infantil em todos os aspectos, cabendo à professora desse segmento, adequar e fazer uso dessa potencial ferramenta de aprendizagem que é a brincadeira.

Muitas vezes, fui incentivada e cobrada pela coordenadora da escola quanto à realização de atividades avaliativas ao término de cada unidade, deixando bem claro a sua concepção de organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil com a finalidade de preparar a criança para o ingresso nas séries iniciais do Ensino Fundamental I.

Os jogos e as brincadeiras são a essência da criança, e utilizá-los como ferramentas no cotidiano escolar, possibilita a produção de conhecimentos, da aprendizagem e do desenvolvimento da criança.

Assim, as práticas pedagógicas para essa etapa de ensino, segundo o RCNEI (BRASIL, 1998) deve ter como eixos norteadores: as interações e brincadeiras. As crianças nessa idade estão construindo os conhecimentos sobre este mundo, através da fantasia e brincadeiras e com elas desenvolvem habilidades e constroem outros conhecimentos.

3 METODOLOGIA

Nesta investigação optei por uma metodologia de pesquisa do tipo qualitativa, inspirada na etnopesquisa participante, de base fenomenológica. Para Macedo (2004), na perspectiva fenomenológica, os acontecimentos não podem ser considerados como fechados em si, enquanto realidades subjetivas. Antes, encontra-se inter-relacionada e atuante na constituição da realidade objetiva.

Desta forma, busquei através da investigação da minha realidade, da minha prática pedagógica, identificar que aprendizagens as crianças constroem a partir das brincadeiras.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Monteiro Lobato, no município de Santa Bárbara, na turma do Grupo 4, em que eu leciono. A turma é formada por 28 crianças, e, eu não conto com uma auxiliar ou monitora, para auxiliar nos trabalhos, o que muitas vezes causa transtornos ao bom andamento dos trabalhos, pois as crianças necessitam ter uma atenção maior, principalmente no momento da higiene pessoal e, para a realização das atividades. Sabemos que as crianças menores têm uma certa dificuldade para ir ao banheiro sozinhas, e manter sua higiene, como o simples fato de lavar as mãos, por exemplo.

Foram observadas as falas e envolvimento das crianças nas brincadeiras selecionadas e propostas a partir da intervenção da professora envolvendo o desenvolvimento da aprendizagem.

Para tanto, foram escolhidas algumas brincadeiras como instrumento deste estudo para que pudesse descrever melhor a interação entre as crianças e perceber a efetivação ou não da aprendizagem, já que as brincadeiras são constantes no cotidiano da Educação Infantil.

Meu trabalho teve como inspiração a etnopesquisa, buscando valorizar a subjetividade, as relações do cotidiano, permitindo compreender e interpretar o outro, o fazer do outro e com o outro.

Para compreender melhor a respeito das aprendizagens fiz anotações, das observações, com o objetivo de descrever, analisar, pontuar, as minhas percepções durante as brincadeiras. Em seguida, fiz uma tabela para sistematizar os achados.

Durante as observações eu tive contato direto com os pesquisados (afinal são meus alunos), o que me permitiu ampliar o meu olhar sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, participando das brincadeiras, nos

aproximando ainda mais, fortalecendo ainda mais nossos laços de amizade e confiança.

Vale salientar que as brincadeiras que foram propostas foram explicadas no que se refere ao seu desenvolvimento, e tiveram por objetivo principal verificar como estas contribuem para a efetivação da aprendizagem e do desenvolvimento infantil. Após a realização e observação das brincadeiras propostas fiz uma análise relatando-se a nossa expectativa de efetividade ou não da brincadeira na promoção da aprendizagem.

Ainda assim, temos que ter a clareza de que, embora tenhamos como objetivo a aprendizagem infantil, nem sempre teremos a certeza de que ela ocorreu. Isso porque as atividades lúdicas e as experiências, por elas proporcionadas, reverberam em nós para além do tempo presente. Às vezes, só tempos depois é que vamos associar uma aprendizagem, uma habilidade, uma abertura para a vida em plenitude potencializada, anteriormente, e que parecia não ter tido qualquer ressonância no momento em que ocorreu.

Na Educação Infantil não é diferente! Nossa compreensão da importância do brincar para a aprendizagem infantil ultrapassa o limite espaço temporal do aqui e agora, e se projeta para a vida dessas crianças. Contrariamos as práticas pedagógicas arcaicas onde, desde muito cedo, as crianças são cobradas de aprenderem, de dominarem conceitos e conteúdos por um modelo escolar que tangencia o brincar, o jogo, o uso das diversas linguagens para o desenvolvimento integral infantil.

Assim, não se via o brincar como recurso pedagógico, mas uma simples atividade recreativa. Porém, na atualidade, esta visão foi modificada e se vê nas brincadeiras a possibilidade de desenvolvimento cognitivo infantil.

3.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA

O método de pesquisa escolhido e considerado por mim mais eficaz para a temática proposta foi a etnopesquisa, na qual envolver-se-á a revisão de literatura e pesquisa de campo.

Uma etnopesquisa crítica é uma pesquisa de natureza qualitativa, visando compreender e explicitar a realidade humana do jeito que é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis.

3.2 CAMPO DE PESQUISA (CENÁRIO)

A unidade escolar escolhida foi o mesmo espaço educativo em que trabalho, a Escola Monteiro Lobato, o que facilitou o andamento da pesquisa, por possibilitar a autorização da direção para a realização das observações em sala de aula.

Por outro lado, para realizar a pesquisa tive como desafio tencionar a minha prática, refletir sobre ela e identificar os pontos que facilitam ou tornam difícil incluir o brincar no cotidiano de modo que contribua para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

A referida escola localiza-se na Terra Santa, no município de Santa Bárbara –BA, sendo esta uma instituição pública, mantida pela Prefeitura Municipal de Santa Bárbara, possui um espaço razoável, funcionando nos turnos matutino e vespertino, das 07:30min às 17horas, durante os cinco dias da semana.

Com relação ao seu espaço físico além da área destinada ao desenvolvimento das aulas, sua entrada está sendo ampliada para melhorar o acesso dos alunos e ainda possui uma área descoberta para realização do recreio. Vale ressaltar que escola não possui um parque para as crianças da Educação Infantil; não dispõe de brinquedos para serem usados no recreio, nem em sala de aula. E o momento de recreio da Educação Infantil é em uma área separada dos alunos do Ensino Fundamental I, visando (segundo a direção da escola) evitar acidentes. A ausência de brinquedos e de um parque, não inviabiliza o momento do brincar das crianças, mas, sem dúvida, compromete a qualidade deste brincar pois as crianças passam muitas horas por dia no ambiente escolar e são necessários recursos para promover atividades educativas ricas e variadas para turmas tão numerosas.

Essa instituição escolar atende estudantes das classes sociais baixa e média das regiões circunvizinhas, e suas dependências incluem: uma sala de recursos multifuncional, seis salas de aula, uma secretaria, quatro banheiros e uma cozinha. Pode-se afirmar que, o espaço físico é limitado e insuficiente, não oferecendo um ambiente favorável aos seus estudantes e, também, aos demais envolvidos no processo educativo.

Com relação ao quadro de funcionários da escola, onde se realizou a pesquisa, todos os funcionários desta instituição escolar possuem o 2º grau, hoje, denominado Ensino Médio, sendo que as professoras, gestores e coordenadora já

possuem nível superior e alguns possuem pós-graduação, em nível de especialização.

3.3 SUJEITOS/FONTES

Os sujeitos da pesquisa englobam os alunos do Infantil I – Grupo 4 e eu – Maria das Graças Almeida de Jesus, no caso aqui a pesquisadora e professora da turma de Educação Infantil da Escola Municipal Monteiro Lobato, no Município de Santa Bárbara- Ba.

A etnopesquisa é uma abordagem onde há um olhar relevante para o sujeito da pesquisa, o etnopesquisador “não considera os sujeitos de estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista” (MACEDO, 2004, p. 30).

Durante a realização da pesquisa, na fase de atividade de campo senti a necessidade de contemplar situações de brincadeiras cooperativas visto que só tinha realizado situações de brincadeiras dirigidas e, em conversa com minha orientadora decidimos por experimentar também essa forma pouco usual de brincar na Educação Infantil.

A etapa de campo, por esse motivo, se realizou em duas etapas. A primeira com as situações de brincadeira dirigida (a maioria competitivas) em 2015, e a segunda com as situações de brincadeira cooperativa em 2016, por esse motivo tivemos a variação entre nomes e número de crianças nas duas etapas.

3.4 DISPOSITIVOS PARA PRODUÇÃO DOS DADOS OU PARA BUSCA DE INFORMAÇÕES.

Foram realizadas observações de situações de brincadeiras espontâneas e dirigidas para diagnóstico e discussão da realidade observada à luz dos teóricos na área do brincar na Educação Infantil.

Também, foram examinadas as literaturas acerca da Educação Infantil, tais como: livros, artigos, revistas, dissertações, teses, documentos, observações que normatizam e estabelecem as diretrizes para a Educação Infantil no Brasil, e ainda, sobre a formação dos professores para esta modalidade de ensino.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: QUANDO AS CRIANÇAS BRINCAM NA ESCOLA...

4.1 AS OBSERVAÇÕES

No primeiro dia de observação, propus a brincadeira de amarelinha, pois já tinha notado o interesse das crianças por ela. Na área do nosso recreio tem uma amarelinha desenhada e os alunos gostam de ficar pulando as casas, e isso me motivou a realizar junto com eles essa brincadeira.

Iniciei com o levantamento de conhecimento prévio, e perguntando quem sabia brincar de amarelinha (todos disseram: “eu”). Nesse momento muitos começaram a pular e a fazer o percurso. Em seguida, expliquei como seria e, quais as regras que deveríamos seguir.

Alguns alunos tiveram dificuldades para equilibrar-se em um pé só e, voltavam para o início da amarelinha, repetindo todo o percurso já realizado. Logo que começou a brincadeira, eles associaram o pular de um pé só à imagem do Saci Pererê (personagem do Folclore Brasileiro), e todos começaram a pular, fora da amarelinha. Vygotsky (1991) destaca que há dois aspectos importantes no brincar: as situações imaginárias e as regras.

Neste sentido, reportando-me ao que Vygotsky (1991) denota em seus estudos, este sinaliza que: “sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras, e são essas regras que irão originar a relação da criança com o objeto, ou seja, o comportamento em relação ao brinquedo” (VYGOTSKY, 1991, p. 108).

Também tiveram aqueles que desistiram no caminho, quando esqueciam a regra e, colocavam o outro pé no chão. Quando eu perguntava o motivo da desistência, diziam que estavam cansados.

Antonio, inicialmente, não demonstrou interesse na brincadeira. Mas, no decorrer do tempo, incentivado por mim, resolveu brincar um pouco, já no finalzinho. Observei que, logo ao iniciar, não conseguia equilibrar-se e pular em um pé só, pois ele tem paralisia cerebral do lado direito do corpo. Então perguntei à turma se eu poderia ajudar o colega, segurando na sua mão, para que ele conseguisse brincar com eles, também. E todos concordaram. Pronto! Antonio brincou e demonstrou bastante satisfação em ter brincado esboçando um sorriso que só ele tem.

Confesso que fiquei orgulhosa em perceber na minha turma esse desejo de

ver Antonio brincando também, e permitindo o auxílio da pró para que ele pulasse, pois sem o mesmo ele não conseguiria. A solidariedade foi o ponto marcante nessa atividade lúdica e, sei que todos saíram ganhando.

Percebi que as crianças são, por natureza, solidárias com os colegas e, que muitas vezes o comportamento do adulto é que acaba influenciando de forma negativa. Nessa atividade eles brincaram sem se preocupar em ganhar ou perder, apenas queriam superar o desafio de concluir a amarelinha.

No segundo dia de observação das crianças, em situação de brincadeiras, brincamos de quebra-cabeça. Ao iniciarmos, fizemos uma grande roda, para conversarmos sobre a brincadeira. Todos já conheciam o quebra-cabeça, mas nunca percebi a interação do grupo, tentando montá-lo até o final. Apenas olhavam as ilustrações com intenção de identificar os elementos.

Ficaram livres para decidir com que grupo ficariam para tentar montá-los. Primeiro deixei a caixa e os cartazes à disposição dos alunos, para que manuseassem e identificassem os elementos que faziam parte das imagens. Em seguida, eles foram falando tudo que viam no desenho.

Após esse momento, os interessados sentaram nas cadeiras, em volta da mesa, para iniciar a brincadeira. No decorrer do tempo, os alunos perceberam que existia uma peça que não pertencia ao quebra-cabeça. Alguns alunos insistiam que a peça, era do desenho (quebra-cabeça), mas, Maria continuou insistindo na mesma tecla, até pegá-la e, colocá-la no local de encaixar, para que todos notassem que era diferente.

Durante o tempo em que ficaram tentando armar o quebra-cabeça, surgiram alguns desentendimentos dos colegas porque queriam interferir enquanto o colega tentava montar. Nesse momento, tive que interferir dizendo que o colega tinha o direito de fazer suas tentativas e, que cabia aos outros ter um pouco de paciência e, esperar ele descobrir sozinho, para a brincadeira não ficar sem graça e, aí então as coisas mudaram.

O quebra-cabeça era grande e, possuía poucas peças, facilitando, assim, o manuseio das mesmas. No final, todos estavam com a sensação de dever cumprido, demonstrando orgulho e satisfação, ao perceberem a conclusão do desenho.

Durante a brincadeira, notei pequenos conflitos entre os alunos, para encaixar as peças nos lugares adequados, mas preferir deixá-los resolver sozinhos, apenas me mantive atenta e próxima a eles, para eventual necessidade. Assim, eles

conseguiram chegar a um consenso e, Maria com uma serenidade ímpar, se conteve em pegar a peça em questão e colocar no lugar correto. O quebra-cabeça melhora a capacidade de resolver problemas e aumenta o raciocínio lógico, facilita o desenvolvimento da noção da parte que constitui o todo, fazendo também a análise inversa. Além de melhorar as habilidades motoras, pois exigem mais firmeza das mãos e trabalho em grupo que necessita de paciência e organização.

A ação do brincar é um dos momentos em que a criança poderá construir sua moralidade, afetividade perante as situações desafiadoras e significativas que o brincar pode proporcionar. Os jogos, brinquedos e as brincadeiras proporcionam uma variedade de experiências lúdicas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social de qualquer criança.

No terceiro dia, realizei uma atividade de contação da história: Chapeuzinho Vermelho, foi a terceira atividade realizada por mim e, na qual, pude observar a participação deles. No momento da rodinha, fizemos um grande círculo na área do recreio, para podermos ter mais espaço. Iniciei mostrando alguns personagens, para que eles fossem dizendo que história seria contada. E aí, pronto! Quando visualizaram Chapeuzinho Vermelho e o Lobo, todos gritaram bem alto o nome da história.

Apreendi que brincar é uma importante forma de comunicação, é por meio desta atividade que a criança pode reproduzir o seu cotidiano, num mundo de fantasia e imaginação. As brincadeiras são de fundamental importância na educação das crianças, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e, da criatividade, estabelecendo desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem.

Chamei alguns voluntários para serem os personagens da história. Cada um se direcionou até a caixa, onde estavam os adereços de cada personagem.

Segundo o Manual de Orientação Pedagógica, para que o brincar se transforme na atividade principal da criança, com impacto positivo na sua educação e na ampliação de suas experiências, é preciso organizar o espaço e selecionar materiais e objetos que provoquem sua imaginação (Brasília, 2012, Módulo III, p. 23).

Enquanto eu ia contando a história os alunos caracterizados, iam dramatizando e, repetindo a fala dos personagens. No momento em que Chapeuzinho Vermelho andava pela floresta, a aluna Paloma, nos surpreendeu, cantando a música que a personagem canta: “Pela estrada a fora, eu vou bem

sozinha, levar esses doces para a vovozinha, a estrada é longa e o caminho é deserto, e o lobo mau passeia aqui por perto”. Quem não conhecia a música, acompanhava com as palmas.

Através da brincadeira, principalmente a de faz de conta, a criança pode reinterpretar a realidade vivida ou observada, dando novos significados por conter como base a imitação e o jogo simbólico que é entendido como uma possível forma utilizada pela criança no encontro da satisfação fantasiosa, compensando na brincadeira certos desejos e vontades reprimidos (KISHIMOTO, 2003).

Nesta perspectiva, também, Oliveira (2001) pontua que:

A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil por, exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. (OLIVEIRA, 2001, p.160).

A atividade desenvolvida, contação da história de Chapeuzinho Vermelho, teve grande adesão por parte das crianças, pois, todos fizeram questão de participar. Quando encerrou a dramatização, fizemos máscaras do lobo (os alunos já tinha escolhido esse personagem, para fazermos as máscaras). E todos imitaram o lobo, atacando a vovozinha.

Outra atividade com potencial lúdico desenvolvida foi a dança das cadeiras, sendo esta a quarta brincadeira proposta às crianças. Apesar de ser uma brincadeira bastante conhecida por elas, notei que a maioria nunca tinha brincado e, logo se interessaram em participar.

Ainda que o brincar possa ser considerado um ato ligado à criança, ele exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender e, quando dirigida, necessita de domínio por parte da professora que apresenta, explica e media.

Iniciei explicando como seria a brincadeira e, fiz a demonstração para que eles pudessem visualizar mais de perto. Arrumei as cadeiras em círculo, sendo que o número de cadeiras foi menor que o de participantes. Liguei o som, com músicas conhecidas por eles e, todos começaram a dançar em volta das cadeiras.

Quando a música parava, todos tinham que procurar uma cadeira para sentar. No início, alguns alunos ficavam parados sem saber o que fazer, então, os colegas, falavam e apontavam para as cadeiras que tinham sobrado. Quem ficava sem sentar, tinha que sair da brincadeira. Nesse momento, era visível a carinha de

desapontamento por ter que sair da brincadeira. O que mostra que ninguém gosta de ser excluído!

O aluno Carlos pisou no sapato de um colega e, o sapato saiu do pé, então Luiz, se ofereceu para calçar e, todos sentaram para esperar o colega. Essa atitude me surpreendeu e, ao mesmo tempo encantou, pois, para as crianças, embora a brincadeira proposta envolvesse a competição, foi mais importante para eles o bem estar do colega, em detrimento de ganhar a brincadeira. Todos esperaram, e só então, a brincadeira recomeçou. Repetimos a brincadeira, até ficarem apenas duas crianças e uma cadeira. A última criança a sentar foi a vencedora.

Quando chamei os alunos para brincar, todos toparam. Mas, quando iniciou, logo que uma dos participantes teve que sair, era visível a frustração das crianças. Alguns não entendiam que tinham que sair da brincadeira e ficavam insistindo para brincar novamente. Eu também não gostei de ter que eliminá-las.

No quinto dia, a brincadeira foi com o jogo da memória. Ao chegar na sala, levei para a rodinha vários jogos de memória e, deixei que eles fossem olhando e se familiarizando com o material.

Então, perguntei se já tinham brincado com um jogo parecido. Alguns logo descobriram fichas iguais. Expliquei as regras do jogo e, que deveríamos formar pares com as figuras iguais. Ao perceber que ainda não sabiam o que é par, expliquei e exemplifiquei, chamando voluntários para formar pares.

Chamei um aluno para jogar comigo, na intenção de demonstrar ao resto da turma como é o jogo. Organizei os alunos em dois grupos e iniciamos o jogo, com muita expectativa.

Algumas vezes, tive que interferir, pois os alunos queriam jogar o tempo todo, e antes já tínhamos combinado que haveria rodízio. Isso sem contar, que alguns alunos não conseguiam ficar só olhando e, acabavam mostrando ao concorrente onde estava a carta igual. Logo, a vontade de saber onde está, nestas crianças parece mais forte que a vontade de juntar mais pares.

Encerradas as rodadas de jogo, convidei as crianças para formar uma roda no chão e aí, fui fazendo algumas perguntas: Quem gostou da brincadeira? Porque gostou? Alguém não gostou? Por quê? Quem fez mais pares? Todos gostaram da brincadeira e, quando perguntei por quê? Maria respondeu que é legal porque tem que lembrar o nome da figura.

Foi bom perceber que apesar de ter um vencedor, todos saíram satisfeitos

com o jogo. Eles sempre pegavam as caixas com o jogo da memória, que fica na biblioteca da escola, mas eu percebi que eles não sabiam como era o jogo, apenas olhavam as ilustrações dos cartões. Após essa experiência, nos dias seguintes, eles já pegavam livremente o jogo da memória para brincar, demonstrando já saber como é que se joga.

Kishimoto (2003) afirma que é no acontecimento do jogo livre que a criança entra num processo de aprendizagem espontânea, aprendendo sem medo de errar e sem o constrangimento da presença do adulto, pois, ao brincar ela busca estratégias na resolução de obstáculos e conflitos possivelmente presentes.

Daí reside a importância da brincadeira, do lúdico para o desenvolvimento cognitivo da criança como muito bem expõe Kishimoto (2010):

A importância do brinquedo decorre de sua capacidade de instigar a imaginação infantil, brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social, [...] o brinquedo passa ser visto como algo sério, conseqüente e não apenas o instrumento que as crianças utilizam para se divertir e ocupar seu tempo, mas é um objeto capaz de educá-las. (KISHIMOTO 2010, p. 20).

No sexto dia, iniciamos a aula fazendo uma grande roda na área do recreio. Os alunos iam chegando e, correndo para a roda. No momento percebi mais de perto que alguns alunos escolhem o colega para pegar na mão, rejeitando um colega ou outro. Mas, tentei contornar a situação, falando que todos são colegas, e que é bom fazer novas amizades.

Começamos as cantigas de roda, que iam sendo iniciadas pelas crianças, que já possuem um repertório muito rico e, que está sendo ampliado com as experiências, aqui na escola.

À medida que iniciamos uma canção, todos iam dançando e dramatizando também. Notei que existe uma canção que é a preferida, ou uma das preferidas: “O cabelos de fulano (a) é (loiro, preto, castanho, ruivo) e (cacheado, liso) quando ele (a) passa o pente abala toda cidade, no meio de tantas flores, não sei a que escolherei, aquela que for mais bela, com ela me abraçarei, abraça quem?”, causando uma grande disputa. Todos querem ficar no meio da roda (a música vai variando de acordo as características físicas de cada um: cor do cabelo, e se é cacheado ou liso).

Cantamos a música variando de acordo com as características de cada alu-

-no, pois eles têm diferentes origens, religião, cor, raça, e histórias de vida, com suas particularidades e, precisam ser vistos como tal, portanto, sujeitos sociais e históricos.

O reconhecimento da constituição plural das crianças brasileiras, no que se refere à identidade cultural e regional e à filiação socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, é central à garantia de uma Educação infantil comprometida com os direitos das crianças (RCNEI, 2009, p. 90).

É preciso tirar a diversidade do papel e incluir no cotidiano de sala de aula, principalmente na Educação Infantil que é um ambiente adequado para formação de valores.

Segundo os Referenciais Nacionais para Educação Infantil “[...] para que seja incorporada pelas crianças a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convive na instituição” (BRASIL, 1998, p. 41).

É notável o brilho no olho de quem está no meio da roda e, a expectativa de quem está esperando o abraço para ir ficar no centro da roda. Percebi também a decepção de quem quer muito ir para o centro e demora de ser escolhido para receber o abraço.

No início da brincadeira, quando forma a roda, todos querem ser o primeiro a ficar no meio. Eu prefiro não interferir, deixo que eles entrem em acordo e resolvam a situação, e eles sempre resolvem (geralmente, aquele que insiste em ficar mais tempo no meio da roda acaba sendo o primeiro).

Nessa brincadeira todos brincam. A brincadeira só acaba depois que todo mundo já recebeu o abraço e foi para o centro da roda. A professora foi a última a receber o abraço, e ao final da canção fui abraçada por todos: um abraço coletivo.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998) a brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a reconhecer-se progressivamente enquanto sujeitos, com singularidades, características, pertencimento, origem étnica, merecendo ser respeitados como são.

É incrível como eles gostam dessa canção, os olhos brilham e o sorriso é imenso, quando são escolhidos para receber o abraço e ficar no centro da roda. Alguns deles nem esperam ser escolhidos, e já vão abraçando o colega.

No sétimo dia de observação, apresentei à turma uma brincadeira diferente

das outras: falei que não haveria apenas um ganhador.

Relembrei com a turma a brincadeira, da dança das cadeiras. E aí expliquei que a brincadeira é bem parecida. Só que não seria na cadeira, mas nos tapetes. Também ninguém iria sair da brincadeira. No final só ia ter um tapete para todos sentarem.

Coloquei no meio do círculo, tapetes de emborrachado em menor número que de alunos. Daí pronto! Iniciou-se a brincadeira, cantando músicas que fazem parte do nosso repertório. Quando a música parava, todos iam sentando nos tapetes. Aí, valia tudo. Sentar 2, 3 4, quantos quiser e puder. O importante é ninguém sair da brincadeira.

A cada rodada um tapete era retirado, mas todos os alunos continuavam na brincadeira, até o final, onde todos sentaram no mesmo tapete. Quem conseguiu sentar no tapete, ia chamando os colegas para sentar no colo.

Foi legal ver como eles assimilaram a brincadeira e aceitaram a possibilidade de dividir o tapete, mas, principalmente, dividir a vitória com os colegas. Nessa brincadeira não tivemos um único vencedor, todos venceram.

A diversão foi geral. Todo mundo sentava pertinho um do outro e, ninguém reclamou de algum colega pisar no pé ou sentar no colo. A satisfação foi tanta que ninguém se importava com o aperto que ficou no final.

Nessa brincadeira, pude perceber o quanto as crianças pequenas são cooperativas entre si. Essa história de vencer, ganhar, chegar primeiro é coisa de adulto. O que eles querem mesmo é brincar!

Nesse oitavo dia, também, levei as crianças para a área do recreio¹ onde fizemos um grande círculo. E aí, perguntei quem conhecia a brincadeira carro de mão. Para minha surpresa, poucos alunos conheciam ou já tinham brincado.

Expliquei como era a brincadeira e, me prontifiquei a ficar responsável para demonstrar como é a brincadeira. Chamei um voluntário (Diogo) para que eu segurasse no tornozelo, e ele saísse andando com as mãos. Depois trocamos de posição, para que ele experimentasse também. E aí foi um alvoroço, pois todos queriam brincar ao mesmo tempo.

A turma foi dividida em duplas para que a brincadeira desse início. E eles se

¹A utilização da área do recreio é a nossa estratégia de ter um espaço maior onde as crianças podem brincar de forma mais confortável, visto que nossa sala é pequena para o número de crianças.

entrosaram ainda mais, se divertiram bastante e, acredito que tenha aumentado os laços afetivos entre eles, a confiança nos colegas e em si mesmo.

Algumas crianças demonstraram medo de brincar, então eu sempre estava por perto para dar apoio e encorajá-los. No começo alguns alunos ficaram um pouco desconfiados e temerosos, mas ao observar os colegas brincando, resolveram brincar também e experimentaram.

No nono dia, a brincadeira foi “Equilibrando a bola no lençol”. Reuni a turma para explicar qual era a brincadeira (equilibrar a bola no lençol, jogando para cima e para baixo, sem deixar cair no chão e, no segundo momento, jogar a bola dentro do balde sem pegar com a mão).

Levei o lençol para área do recreio e, pedi que cada um segurasse em uma parte do lençol. A aluna Alice, se afastou um pouco nesse momento, e ficou por perto só olhando. Convidei-a para segurar no lençol, mas ela não quis brincar. Com a recusa, não insisti e, respeitei a sua vontade. Ela sentou para observar a brincadeira. É importante aprender a respeitar a vontade da criança quando demonstra não querer participar de uma atividade proposta. Isso não significa que ela não está apreciando, significa que, neste momento, pode preferir observar à interagir. Quem sabe na próxima ela não topa?

Nesse momento, coloquei a bola no meio do lençol e, eles começaram a movimentar o lençol para cima e para baixo, fazendo a bola pular, com cuidado para não cair. No primeiro momento, eu participei com eles, para que se sentissem mais seguros. Em alguns momentos eles aceleravam o movimento e, a bola quase caía.

Em seguida outro desafio foi lançado: teriam que jogar a bola no balde que estava ao lado do lençol, sem precisar tocar com a mão. E aí foi uma farra.

No decorrer da brincadeira, a bola chegava a cair no chão e aí, recomeçavam o jogo. Na euforia, Mateus não conseguiu esperar a bola cair no balde e, chutou por baixo do lençol, e a bola caiu no balde. Ele saiu correndo para comemorar. Márcia, também não conseguiu conter a ansiedade e, pegou a bola com a mão e jogou no balde. Os dois foram repreendidos pelos colegas, por não terem cumprido as regras do jogo.

A relação entre ludicidade e desenvolvimento moral é tão íntima que Piaget construiu sua teoria sobre o desenvolvimento moral a partir de experimento com jogo de bolinha de gude (que é uma brincadeira de criança).

Lucineide Ribas (2014) afirma, que para uma atividade contribuir com o de-

-envolvimento moral, precisa ser integral, pois precisa envolver não só uma mudança exterior ao indivíduo, em que as atitudes relacionadas a si mesmo e ao outro se constituem ações aceitáveis socialmente, pois mais importante do que os atos são as intenções.

Segundo Piaget (1994) a autonomia moral só se desenvolve a partir das relações de cooperação, que se baseia no princípio da reciprocidade.

Quando acabou a brincadeira, perguntei se foi legal brincar assim com todo mundo junto e, Vivian disse que a brincadeira foi boa porque se fosse uma pessoa só brincando não conseguiria jogar a bola no balde, ela cairia no chão.

Já no décimo dia de observação, fomos para a área do recreio e, lá falamos sobre o abraço, perguntei quem gostava de abraçar e ser abraçado. Falamos sobre carinho, afeto, amizade, etc.

Expliquei que a brincadeira do dia seria um pega-pega diferente. E quem quisesse ser salvo, teria que abraçar o colega que estivesse mais perto. Nesse momento, cada um procurou um local da área para ficar. No primeiro instante, eu fui a pegadora. O pegador fica com uma bola na mão e, corre atrás de um colega para tocar a bola na barriga.

Iniciamos a brincadeira cantando a música: A dona aranha. Quando a música acaba o pegador sai correndo para tocar a bola em alguém (não vale jogar a bola). Os demais alunos que estão na brincadeira, correm para abraçar um colega (ou mais), e assim ficam imunes. Quem for tocado pela bola, passa a ser o pegador. Para dinamizar a brincadeira fiz a proposta de ter mais de um pegador e, eles concordaram.

O envolvimento dos alunos na brincadeira foi geral, todos quiseram participar. Foi perceptível a integração de todos, sem resistência no momento do abraço. No final da brincadeira, Maria, relatou que gostou da brincadeira, porque o abraço aperta.

4.2 DISCUSSÃO DOS ACHADOS

Em minha prática de sala de aula parto do princípio de que a brincadeira é uma ação na qual a criança se desenvolve nos aspectos físico, cognitivo e afetivo, e a qual possibilita, também, uma maior socialização entre as crianças, evitando-se as brigas, discussões e/ou disputas, ou, no melhor dos casos, ajudando as crianças na

resolução dos conflitos, de modo a utilizar a palavra como forma de mediação.

O próprio RCNEI relata: “A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa”. (BRASIL, 1998).

Busco proporcionar às crianças um ambiente acolhedor, rico em fantasia, brincadeiras e jogos, de maneira que contribua com o desenvolvimento das crianças. Como afirmam Bassedas, Huguet e Solé (1996):

[...] jogo proporciona benefícios no desenvolvimento e no crescimento das crianças pequenas. Favorece as capacidades afetivas e emocionais, já que através do jogo simbólico com bonecos e objetos variados [...], as crianças revivem, reproduzem, ou imaginam cenas ou situações da vida real. (BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1996, p. 144).

Busca-se através da observação da própria realidade compreender como as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento de crianças na faixa etária de 04 anos.

Para a produção de dados, procedi à observação das crianças enquanto brincavam, sejam em atividades previamente selecionadas e propostas por mim, seja em brincadeiras livremente iniciadas pelas crianças.

Através das observações do comportamento infantil, refleti sobre minha prática e minha ação no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Não se trata apenas de contribuir para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas para a socialização, a criatividade, a exploração do ambiente, a resolução de conflitos.

A observação das crianças e de como recebem as atividades lúdicas que Propus pode me auxiliar na identificação de novos olhares, significados que devo ter para o brincar no contexto educativo.

Além de aprender conhecimentos e habilidades na brincadeira, especificamente a de faz-de-conta, a criança passa através da imitação a assumir papéis observados por ela. Primeiramente de pessoas próximas de sua convivência e depois outros modelos, como professora, médico, etc., reproduzindo gestos e ações. Através dela a criança reinterpreta a realidade, como base a imitação e o jogo simbólico. Mas destaco que o brincar não se destina a ensinar um repertório de cenas a serem reproduzidas pelas crianças, mas de proporcionar situações de experimento, de testagem dos limites e possibilidades infantis.

Ao brincar a criança explora seu corpo e seus movimentos; obtém a noção de coletividade e cooperação e solidariedade por meio das brincadeiras coletivas; possui independência para agir, no instante em que decide escolher, cria regras para suas próprias brincadeiras; estabelece vínculos afetivos, com os colegas e adultos; conhecer a cultura e o mundo adulto, pela imitação, expressar seus sentimentos (raiva, felicidade, angústia, dor) e desejos.

Percebe-se a importância em ter garantido tempo para planejamento, não só das atividades, mas, também, das brincadeiras, inserindo-as na rotina. Na minha experiência na docência na Educação Infantil busco proporcionar às crianças um ambiente acolhedor, rico em fantasias, brincadeiras e jogos, de maneira que contribua com o desenvolvimento físico, emocional, das crianças.

Busco realizar um trabalho no qual a rotina tenta incluir o brincar, e se constitui em uma rotina flexível, na qual o interesse das crianças é levado em consideração na realização do planejamento, com a perspectiva de emancipação infantil, diferentemente dos achados de pesquisa realizada por Cruz (2008) em “Fala Menino! O Cotidiano da Creche Comunitária na perspectiva da criança”.

Concebo a criança com um ser ativo, em formação, que se constitui através das relações estabelecidas no meio social e, das experiências vivenciadas no seu cotidiano.

As brincadeiras podem incidir no desenvolvimento infantil em três dimensões: cognitiva, social e afetiva da criança. No que se refere ao processo educativo – a sala de aula, a professora, neste caso eu, poderei refletir sobre a minha prática e minha ação na organização do processo de ensino-aprendizagem em prol das conquistas cognitivas das crianças, pois a partir deste método da autobiografia pode-se auxiliar na identificação de novos olhares, significados que se deve ter para o brincar no contexto educativo.

A realização das observações das situações de brincadeira, proporcionou-me momentos de aprendizagens e descobertas, pois eu tinha a ideia de que as crianças iriam gostar mais das brincadeiras competitivas, mas, foi surpreendente perceber o quanto eles se familiarizaram com as brincadeiras cooperativas.

Nessas brincadeiras propostas, principalmente a do lençol com a bola, foi perceptível o entrosamento da turma e a cooperação. O sentimento de grupo e equipe presentes, mesmo quando Mateus e Márcia descumpriram as regras da brincadeira, os colegas os chamaram a atenção, lembrando-os do que podia e não

podia fazer na brincadeira.

A regra da brincadeira do lençol com a bola, dizia que teriam que jogar a bola no balde sem pegar com a mão. Mas, Mateus e Márcia “transgrediram” e, deram um jeito de jogar a bola no balde, buscando uma outra estratégia. Agiram como se relata na história grega:

Assim, como Alexandre, O grande, fez para desatar o Nó de Górdio. Górdio reinou por muito tempo e quando morreu, seu filho Midas assumiu o trono. Midas expandiu o império, porém, ao falecer não deixou herdeiros. O Oráculo foi ouvido e declarou que quem desatasse o nó de Górdio dominaria toda a Ásia Menor. Quinhentos anos se passaram sem ninguém conseguir realizar esse feito, até que em 334 a. C. Alexandre, o Grande, ouviu essa lenda ao passar pela Frígia. Intrigado com a questão foi até o templo de Zeus observar o feito de Górdio. Após muito analisar, desembainhou sua espada e cortou o nó. Lenda ou não o fato é que Alexandre se tornou senhor de toda a Ásia Menor poucos anos depois. É daí também que deriva a expressão “cortar o nó górdio”, que significa resolver um problema complexo de maneira simples e eficaz (METAFORAS, 2014, p. 1).

As crianças, Mateus e Márcia, ansiosos para jogar a bola no balde, buscaram um outro caminho para chegar ao resultado. Obviamente que aproveitamos para discutir as regras que regiam a brincadeira e a pertinência ou não de usar uma estratégia que já estava previamente proibida. Trata-se de discutir os princípios morais que regem o jogo e a brincadeira, segundo os quais, para que o jogo ocorra os participantes necessitam pactuar, previamente, condições em que tal atividade será realizada.

Diferentemente da história do “Nó Górdio” onde não havia a proibição de uso da espada, na brincadeira podemos dar soluções imprevistas, e isso é sinal de inteligência e criatividade, desde que não viole as regras previamente combinadas. Quando as regras do jogo são violadas há, conseqüentemente, o fim do jogo.

Para Caillois (1990) dentre os principais características de qualquer jogo humano destaca-se a constante presença de limites e liberdades em sua realização, pois “[...] todo o jogo é um sistema de regras que definem o que é e o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido” (CAILLOIS, 1990, p. 11).

Uma das condições para que o jogo aconteça é a obediência ao conjunto de regras preestabelecidas entre os jogadores, ou entre os brincantes. Violar a regra de não pegar a bola com a mão para jogar no balde acarretaria, como acarretou, a destruição da atividade. Diante disto é possível afirmar que a presença de certos limites no jogo e na brincadeira é incontestável. Apesar disso, o jogador sempre tem

uma relativa liberdade de criação, já que, devido ao afastamento da vida real, podem-se correr alguns riscos sem maiores consequências para a vida do participante.

Quando Alice se recusou a brincar com os colegas a brincadeira do lençol, perguntei o motivo, mas ela não explicou. Então respeitei a posição dela, pois, entendo que qualquer atividade deve partir da vontade de fazer, de estar junto, para que o prazer de fazer, de brincar possa ser de todos. Desse modo, eu a deixei livre para brincar ou não.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998), para que uma criança possa desenvolver sua autonomia praticando ações e julgamentos, tendo noção da importância da cooperação, obtendo a capacidade de relacionar-se estabelecendo vínculos, ampliando suas formas de comunicação, partilhando significados, desejos e seu ponto de vista, é preciso que ela “[...] exercite o autogoverno usufruindo de gradativa independência para agir, tendo condições de escolher e tomar decisões, participando do estabelecimento de regras e sanções” (BRASIL, 1998, p.15).

A turma em que leciono é constituída por 28 alunos, e a sala de aula tem um espaço insuficiente, onde falta espaço até para fazer a rodinha, e sempre usamos o local onde se realiza o recreio para garantir esse momento do nosso cotidiano e, todas as brincadeiras, foram realizadas nessa área. Nós ocupamos a menor sala da escola e, encontramos dificuldades até para locomoção em seu interior.

Conforme explicita o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) a organização do espaço físico, os materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e o mobiliário não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional.

[...] Constituem-se em poderosos auxiliares da aprendizagem. Sua presença desponta como um dos indicadores importantes para a definição de práticas educativas de qualidade em instituição de educação infantil. No entanto, a melhoria da ação educativa não depende exclusivamente da existência destes objetos, mas está condicionada ao uso que fazem deles os professores junto às crianças com as quais trabalham (BRASIL, 1998, p. 68).

Pode-se afirmar que o cotidiano da sala de aula na Educação Infantil sempre reserva grandes conquistas no desenvolvimento das crianças. Empilhar blocos lógicos, narrar acontecimentos ou, recontar uma história, fazer um desenho, ajudar

um colega a amarrar o sapato, etc., são situações favoráveis para o desenvolvimento de habilidades cada vez mais complexas.

5 CONCLUSÃO

Tendo em vista as contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento infantil, a presente pesquisa procurou investigar de que maneira as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento infantil de crianças com quatro anos.

A brincadeira é essencial para o desenvolvimento das crianças na medida em que ela pode transformar e produzir novos significados. Quando a criança é estimulada, é notável o rompimento com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, expressando, assim, seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento.

Nessa perspectiva, em um primeiro momento do trabalho, foi discutido por meio do memorial formativo, o papel do educador frente à concepção de criança e infância e, diversas situações que envolvem o contexto infantil, a exemplo do brincar, da linguagem, da natureza, da história social e cultural, entre outros.

O referencial teórico foi embasado, principalmente, nos documentos oficiais que regem a Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) e os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1998) e, o pensamento de Kishimoto (2003), Piaget (1976), Vygotsky (1991), Ausbel (1982), entre outros, que vê a brincadeira como fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

De acordo com Sommerhalder e Alves (2011) o brincar precisa ser concebido como uma linguagem que fala do próprio brincante, permitindo à criança ser autora de sua fala e de seus atos.

Este estudo procurou descrever, a partir da realização de brincadeiras e da observação do comportamento das crianças, as contribuições das brincadeiras, para o desenvolvimento infantil de crianças com 04 anos. Nosso objetivo foi responder à pergunta que deu partida ao estudo: De que maneira as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento de crianças com 04 anos?

Um diálogo com as reflexões apresentadas no referencial teórico traz esta presente pesquisa através das experiências de observações da minha turma de Educação Infantil, Grupo 4. Pelas análises dos registros de observação que realizei no campo, foi possível refletir sobre essas aprendizagens e, sobre a minha prática enquanto professora da turma. Pelo observado e vivido, notei que as crianças não

estão muito preocupadas em ganhar alguma disputa nas brincadeiras, ao contrário, o que elas querem mesmo é brincar, brincar e brincar.

Constatai que os jogos/brincadeiras são ferramentas relevantes para o processo de desenvolvimento infantil, promovendo uma maior socialização e interação entre elas, proporcionando novas experiências cognitivas, afetivas, sociais e motoras.

As brincadeiras promovem o desenvolvimento das crianças, destacam-se: o desenvolvimento da linguagem, a resolução de problemas e situações conflituosas, a autonomia, a construção de vínculos afetivos, a autoconfiança e a confiança no outro, a cooperação e a solidariedade, a aprendizagem e a reformulação de regras, o desenvolvimento motor, a superação de desafios, a concentração, o controle emocional, que colaboram para o desenvolvimento infantil.

Foram apresentadas à turma brincadeiras competitivas e cooperativas. As brincadeiras competitivas podem apresentar situações desagradáveis, como por exemplo, a desonestidade, agressividade excessiva, o egoísmo para alcançar os objetivos a qualquer custo. Em contrapartida, pode até trazer alguns aspectos importantes e agradáveis se bem encaminhadas, como a superação de limites, respeito pelo adversário, um desempenho maior que não se conseguiria atingir sem o confronto com o outro.

Mas, mesmo diante do exposto na minha turma, os alunos não estavam preocupados em ganhar na brincadeira e, sim, em brincar e houve situações em que eles ajudavam o colega ou então permitiam que eu o auxiliasse. Provando assim que as crianças não são competitivas, mas se tornam, devido à interferência de determinadas situações propostas pelo meio em que vivenciam suas experiências e por brincadeiras propostas por um adulto.

Percebi, também, que durante as brincadeiras cooperativas houve uma maior interação entre as crianças, além da preocupação para que todos os colegas participassem. No início, surgiram dificuldades para assimilar as regras estabelecidas, o que causou pequenos desentendimentos.

A rotina na Educação Infantil deve garantir a educação numa perspectiva criadora, em que a brincadeira possibilite o estabelecimento de formas de relação com o outro, de apropriação, e produção de cultura, do exercício da decisão e da criação. As situações de brincadeiras das crianças entre elas são excelentes oportunidades para o professor observar e registrar como elas se organizam no gru-

-po, suas competências na brincadeira e como acontece esse brincar.

Já nas brincadeiras cooperativas, me surpreendi, ao ver que as crianças se divertiram muito mais do que com as competitivas. Talvez por não terem a obrigação de competir (ganhar) o tempo todo. Elas não precisavam mostrar nem provar que eram melhores do que os colegas. A entrega foi total, e a diversão foi a tônica das brincadeiras.

É evidente que o processo de aprendizagem se torna mais eficaz e duradora quando a criança é participante ativa da aprendizagem e, ao mesmo tempo, diverte-se durante esse processo.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998), para que uma criança possa desenvolver sua autonomia praticando ações e julgamentos, noção da importância da cooperação obtendo a capacidade de relacionar-se, estabelecendo vínculos, ampliando suas formas de comunicação, compartilhando significados, desejos e seu ponto de vista, é preciso que ela: “[...] exercite o autogoverno usufruindo de gradativa independência para agir, tendo condições de escolher e tomar decisões, participando do estabelecimento de regras e sanções” (RCNEI, 1998, p.15).

Durante as brincadeiras cooperativas, ainda notei a relação de competição de alguns participantes, demonstrando que não estavam acostumados com as brincadeiras cooperativas. Quando Mateus, na brincadeira de equilibrar a bola no lençol, ficou chutando a bola por baixo do lençol e jogou no balde. Após, esse feito ele saiu correndo comemorando: “eu ganhei, eu ganhei”.

Concordo com Sommerhalder e Alves (2011), quando afirmam que o brincar precisa ser concebido como uma linguagem que fala do próprio brincante, permitindo à criança ser autora de sua fala e de seus atos. As experiências de autoria permitem que a criança transforme, por exemplo, a função de um objeto, significando assim, a transformação da realidade.

Por meio das interações, com outras crianças e com um adulto, a criança aprende a brincar (ela não nasce sabendo brincar). Quando ela observa outras crianças brincando e, com a intervenção da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras, e aí ela pode reproduzi-las ou recriá-las. Garantindo, assim a circulação e preservação da cultura lúdica.

Mas, mesmo assim, notei que os jogos cooperativos foram bem aceitos pelo grupo, demonstrando interesse pela novidade, e, solicitando que a cada dia eu

levasse uma brincadeira diferente para brincarmos. Essa satisfação ficou bem explícita na fala de “Ana” quando disse que se fosse brincar sozinha não conseguiria colocar a bola dentro do balde.

Uma das contribuições que essa pesquisa pode proporcionar é de que as brincadeiras são necessárias e fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças e, a escola, sendo representada pela professora tem um papel essencial para que essa condição seja garantida, pois o professor precisa legitimar esse direito das crianças ao brincar, garantindo as práticas brincantes no currículo de Educação Infantil.

As brincadeiras precisam ser adotadas como tônica na/da Educação Infantil. Não se trata de deixar os alunos brincarem para preencher o tempo, mas, sim de ter a brincadeira inserida na rotina, em todo e qualquer momento. É preciso deixar as crianças brincarem, é preciso brincar com as crianças.

Para tanto, o professor de Educação Infantil, precisa se preparar nesse sentido, buscando conhecer os documentos oficiais que legalizam esse direito; é preciso participar de cursos de formação continuada no seguimento de Educação Infantil. Neste sentido, é que Freire (2003) pontua que:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem não tem nada a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 2003, p. 54).

Realizar essa pesquisa foi um grande ganho tanto para a minha vida pessoal quanto para a minha vida profissional. Com os estudos realizados sobre o brincar/lúdico, tenho buscado inserir os jogos e as brincadeiras no cotidiano da minha turma – Grupo 4, com mais segurança a respeito dessa prática, incluindo-a durante o planejamento na nossa rotina, tornando as aulas mais prazerosas e produtivas.

Enquanto brincam, as crianças vivenciam situações em que imitam o mundo adulto, mas não apenas imitam, elas também recriam e, conseqüentemente, aprendem sobre a sociedade, sobre as relações sociais e sobre o papel da linguagem nas variadas situações. A brincadeira tem que ser entendida como uma produção cultural, e não como algo biologicamente determinado. As crianças precisam construir um repertório de brincadeiras. E o adulto (professor, mãe, pai, cui

-dadora) têm papel crucial nesse processo.

As experiências durante as observações me permitiram perceber o quanto estava presa a convenções pré-estabelecidas pela minha escola, não dando o real espaço que as atividades lúdicas devem ocupar no dia-a-dia da Educação Infantil. Agora, compreendo que as atividades lúdicas são a porta de entrada da criança na cultura. Por muitas vezes planejei aulas envolvendo jogos e brincadeiras, por saber que as crianças iriam gostar e iam fazer questão de participar, mas agora meus olhos se abriram para esse tesouro que são as brincadeiras/jogos para os pequenos.

O brincar na minha turma, hoje, ocupa um lugar único, próprio, garantido pelos documentos que regem a Educação Infantil. Não tenho receio que nos corredores da escola, os colegas critiquem minha prática ao ouvirem os barulhos que ecoam, vozes de crianças que tem liberdade para cantarolar, brincar, dar enormes gargalhadas. Podem chamar de bagunça, a gente nem liga. De repente até pode ser bagunça mesmo. O espaço tá pequeno: vamos para área do recreio; se está chovendo empurramos as carteiras de um lado para o outro e brincamos na sala mesmo; não tem brinquedo, parquinho, a gente improvisa, traz de casa, constrói com sucata. Não importa! A ordem é brincar. Agora é assim, o brincar está presente em todos os momentos, tá garantido no planejamento das aulas e passou a ser a minha maior ferramenta de trabalho, na minha ou nossa? Sei lá! Eu também brinco.

Hoje, priorizo a organização do ambiente com brincadeiras previamente selecionadas para oferecer oportunidade de interação, autonomia e aprendizado, refletindo assim, no que diz Freire (2015): “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2015, p. 39).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Márcia Tereza Fonseca. **O brincar em casa e na escola**: um estudo sob a perspectiva de crianças de uma pré-escola pública. Salvador: UNEB, 2000.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BRASIL. **Constituição Brasileira Federal**. Brasília, 1988.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- _____. **ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: MEC, 1990.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96**. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- _____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação Pedagógica**: Realidades Sociais e processos ideológicos na Teoria da Educação. São Paulo: Cortez, 2003.
- CRUZ, Sílvia Helena V. **A Criança Fala**: A escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. 27ª edição. São Paulo, 2003.
- FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil**. São Paulo: Moderna, 2012.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchila (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **O brincar e suas teorias**. (org.). São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- KRAMER, Sônia; ROCHA, Eloisa. A.C. **Educação Infantil**: Enfoques em diálogo. São Paulo: Papyrus, 2011.
- LIMA, Lucineide Ribas Leite. **O espaço do saber ludo-sensível na prática pedagógica**

-gica de estagiárias de educação infantil. 172 f. 2014. Dissertação(mestrado em educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

_____. **Desenvolvimento Moral e Ludicidade:** Questões Entrelaçadas no Cotidiano. GEPEL/FACED/UFBA/Salvador, 2009.

LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do Corpo e Movimento.** Curitiba, PR: FAEL, 2006.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade.** In: Interfaces da Educação. Cadernos de Pesquisa – Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, no. 1, 1998.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação.** Salvador: EDUFBA, 2004.

METAFORAS. **No Górdio.** Disponível em :<<http://metaforas.com.br/no-gordio>>, 2014. Acesso em 20/05/16.

OLIVEIRA, Z. R. de. **A Brincadeira e o desenvolvimento infantil:** implicações para a educação em creches e pré-escolas. Florianópolis, Ano VIII, n. 9, dez. 2001.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOMMERHALDER. Aline; ALVES, Fernando. **Jogo e a Educação da Infância:** muito prazer em aprender. Curitiba: CRV, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Fontes, 1991.

APÊNDICES

Situações de Brincadeiras

1º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Amarelinha	Gabriely Eduarda Keirrison Mª isabely Rutielem Emanuely Cauã Jackson Mª Ângela Igor Yago Maicon Mª Eduarda Sandy Hilbert Ludimila	<p>*Levantamento de conhecimentos prévios;</p> <p>*Reconheciment o da amarelinha na área do recreio;</p> <p>*Explicação e demonstração da brincadeira para as crianças: Uma criança de cada vez, joga uma pedrinha em cada um dos quadrinhos desenhados no chão, começando pelo número 1.</p> <p>*Não pode pôr o pé no quadrado que estiver com a pedra, pulando-a e seguindo até chegar ao último.</p> <p>*Na volta, deve pegar a pedra. Se errar o pulo, ou pisar na linha perde a vez.</p>	<p>*Desenvolver a coordenação motora ampla a partir da habilidade de saltar num pé só (equilibrar-se);</p> <p>*Desenvolver a consciência corporal;</p> <p>*Reconhecer os numerais de 1 a 9;</p>	<p>COGNITIVO: *Conceitos de começo, meio e fim; *Sequência das casas e dos números;</p> <p>SOCIAL: *Estimula a competição incentivando a melhorar seu desempenho em relação aos demais;</p> <p>AFETIVO: *Autocontrole(esperar a sua vez) *Estimula a auto-confiança.</p>	<p>Um dos alunos, (Igor), que inicialmente não estava na brincadeira, quando estava no finalzinho, resolveu brincar um pouco. Igor tem paralisia parcial do lado direito do corpo, e apresenta dificuldade para se locomover e, participar de brincadeiras de correr, pular de uma perna só, e sentar no chão com a perna de índio.</p> <p>Então, os colegas permitiram que a pró, o ajudasse, segurando na mão, para ele conseguir pular, participando assim da brincadeira.</p> <p>Estimulou, no grupo, uma atitude de respeito à diversidade e inclusão do colega com necessidades educativas especiais.</p>

Situações de Brincadeiras

2º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIM00ENT O DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Quebra-cabeça	Gabriely Eduarda Keirrison Mª isabely Rutielem Emanuely Cauã Jackson Mª Ângela Igor Yago Maicon Mª Eduarda Sandy Hilbert	No início fizemos uma grande roda, para falar sobre a brincadeira; *Ficaram manuseand o um pouco o desenho do quebra-cabeça e a caixa,para que observem o desenho por completo; *Depois fui perguntand o, quais os elementos do desenho; *Em seguida, os interessado s sentaram na mesa para iniciar a brincadeira; *Ao final, todos os colegas visualizaram o desenho que foi formado.	* Montar o quebra-cabeça com os colegas; * Identificar as peças do quebra-cabeça que se encaixam; * Perceber a diferença no formato das peças do quebra-cabeça;	COGNITIVO: * Estimula o raciocínio lógico; * Resolução de problemas; *Percepção visual. SOCIAL: * Socialização e cooperação entre eles. AFETIVO: * Sensibilizar-se com a dificuldade dos colegas, quando não, encontrava a peça certa para encaixar.	* No decorrer da brincadeira, perceberam que existia uma peça que não pertencia ao quebra-cabeça; * Dificuldades para se controlar quando o colega não achava a peça que procurava. Eles queriam interferir e mostrar a peça para o colega,

Situações de Brincadeiras

3º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIMENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Contação de história: Chapeuzinho Vermelho	Cauã Eduarda Gabrielly Geferson Hilbert Yago Igor Jackson Keirrison Ludimilla Maicon	<p>* Fizemos um grande círculo, na área do recreio;</p> <p>* Mostrei alguns personagens da história para que eles fossem dizendo qual a historinha seria contada;</p> <p>* Chamei voluntários para ser os personagens e pegar alguns adereços, que caracterizam seu personagem, na caixa surpresa, que estava no centro do círculo;</p> <p>* Enquanto eu ia contando a história os alunos, caracterizados, iam dramatizando e, repetindo a fala dos personagens;</p> <p>* Ao final, fizemos máscaras do lobo para todos os alunos da turma;</p>	<p>* Reconhecer a história de Chapeuzinho vermelho, através do desenho dos personagens;</p> <p>* Dramatizar a história de Chapeuzinho Vermelho;</p> <p>* Desenvolver a linguagem oral, corporal ;</p>	<p>COGNITIVO: * Reconto da história;</p> <p>* Listar personagens da história;</p> <p>* Reprodução de atitudes e diálogos dos personagens;</p> <p>* Enriquecimento vocabular;</p> <p>SOCIAL: * Respeito à fala do colega, no momento do reconto;</p> <p>* Interação com os colegas.</p> <p>* Identificação dos perigos presentes na vida.</p> <p>AFETIVO: * O amor fraternal;</p> <p>* Compaixão com os mais fracos.</p>	A coleguinha, Maria Eduarda, cantou a música que Chapeuzinho Vermelho, canta na floresta: Pela estrada a fora, eu vou..., para os colegas que não sabiam.

Situações de Brincadeiras

4º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Dança das cadeiras	Cauã Emanuely Eduarda, Maria Eduarda,keirri son, Cauan, Hilbert, Maicom, Rutielem, Hemanuele, Jaksom, Ludimilla, Maria Eduarda Maria Ângela	*Coloquei as cadeiras em círculo, sendo que o número de cadeiras tem que ser menor que o de participantes. *Liguei o som com uma música pra tocar e todos dançaram em volta do círculo de cadeiras, quando a música parar de tocar todos tentavam sentar, a criança que não conseguia saía da brincadeira; * A brincadeira foi repetida até ficarem duas crianças e uma só cadeira, a última a sentar foi a vencedora.	Estimular a agilidade e atenção durante os movimentos.	Noção espacial. Atenção; Noção matemática sempre precisa de uma cadeira a mais que o número de participantes. AFETIVO: *Frustração ao ter que sair da brincadeira. *Conter-se e não segurar a cadeira enquanto circula. SOCIAL: Competição; incentivar as crianças a melhorar o desempenho;	O aluno Cauã pisou no sapato do colega e, o sapato saiu do pé, então Keirrison se ofereceu para calçar o sapato do colega e, todos se sentaram para esperar o coleguinha

Situações de Brincadeiras

5º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Jogo da memória	Cauã Emanuely Eduarda, Maria Eduarda, Keirrison, Cauan, Hilbert, Maicom, Rutielem, Hemanuele, Jaksom, Ludimilla, Maria Ângela	*Levei para a rodinha vários jogos da memória e deixei que eles fossem olhando; *Expliquei as regras do jogo; *Expliquei o que é par e exemplifiquei; *Chamei um aluno para jogar com a pró p/demonstrar aos colegas como é o jogo; *Organizei os alunos em dois grupos e iniciamos o jogo; *Encerrada as sessões de jogo, convidei as crianças para formar uma roda no chão e fiz as perguntas: *Quem gostou do jogo? Porque gostou? Alguém não gostou? Porque? Quem venceu, ou quem fez mais pares? *O vencedor é quem formou mais pares.	*Apropriar-se das regras do jogo da memória; *Criar estratégias para ganhar o jogo; *Identificar figuras iguais; *Quantificar as cartas; *Estimular o raciocínio rápido.	COGNITIVO: *Perceber as semelhanças e diferenças entre os desenhos das cartas; *Memorizar a posição das cartas. SOCIAL: *Respeito às regras do jogo; AFETIVO: *Controlar o seu desejo de jogar, enquanto o colega joga.	Alguns alunos não conseguiram ficar só olhando e, acabavam mostrando ao concorrente onde estava a carta do par (foi muito engraçado).

Situações de Brincadeiras

6º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIMENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Roda/Ciranda	Cauã Eduarda Emanuelli Gabrielly Geferson Hilbert Yago Igor Jackson Keirrisson Ludimilla Maicon Maria Ângela Maria Eduarda Maria Isabely Rutielelem Sandy Samuel Toni Wanderson	*Fizemos uma grande roda na área do recreio; *Cada aluno foi se juntando aos demais e dando as mãos; *As canções foram escolhidas pelas crianças, que trazem um repertório muito rico e diversificado; *As canções eram cantadas e dramatizadas através de gestos; *Também vale imitar a voz dos animais e artistas preferidos.	*Respeitar o gosto musical dos colegas; *Dramatizar as canções selecionadas pela turma; *Localizar as partes do corpo.	COGNITIVO: *Desenvolvimento da linguagem oral; *Enriquecimento vocabular; SOCIAL: *Interação entre as crianças, sem discriminar gênero, raça ou religião. AFETIVO: *Estreitar laços de amizade; *Elevar a estima dos alunos.	Notei que a canção: O cabelo de fulano(a), é loiro e cacheado, quando ele(a) passa o pente abala toda a cidade, no meio de tantas flores, não sei a que escolherei, aquela que for mais bela, com ela me abraçarei, abraça quem? causa uma grande disputa, pelos alunos para ficar no meio da. A canção vai variando de acordo com as características físicas das crianças(cor do cabelo; se é cacheado, liso, etc.).

Situações de Brincadeiras

7º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Dança dos tapetes (variação da dança das cadeiras)	Alana Adryan Amanda Ana Clara Bianca Damares Guilherme Costa Guilherme Profeta Hamilton José Henrique Kenendy Kleber Levy Maria Aparecida Maria Clara Mirlane Maysa Rian Sara Vivian	Fizemos uma roda para a pró explicar a brincadeira: coloquei no meio do círculo, tapetes de emborrachado em menor número que de alunos. Começamos a brincadeira com cantando a músicas que fazem parte do nosso repertório, enquanto os alunos vão rodando e dançando. A cada rodada um tapete é retirado, mas todos continuam na brincadeira, até o final onde todos sentam no mesmo tapete. O importante é ninguém ficar de fora da brincadeira. Ao final todos vencem o desafio.	*Despertar o potencial cooperativo; *Ver o tapete como ponto de encontro; *Movimentar-se em todas as direções; *Exercitar a criatividade e o respeito mútuo.	*Solidariedade com os colegas; *Controle emocional; *Noções matemáticas; *Coordenação motora.	Durante a brincadeira, os alunos demonstraram satisfação em perceber que realmente ninguém saía da brincadeira. Quando chegou no fim da brincadeira, percebi o esforço das crianças para que o tapete desse para todos. Um aperta de um lado e, o outro do outro. Chamavam os colegas para sentarem no colo.

Situações de Brincadeiras

8º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Carro de mão (humano)	Alana Adryan Amanda Ana Clara Bianca Damares Guilherme Costa Guilherme Profeta Hamilton José Henrique Kenendy Kleberon Levy Maria Aparecida Maria Clara Mirlane Maysa Rian Sara Vivian	Levei às crianças para área do recreio e, fizemos um círculo. Perguntei quem conhecia a brincadeira carro de mão. Alguns alunos disseram que já conheciam a brincadeira, mas nunca brincou. Expliquei como seria conduzida e chamei um voluntário para brincar comigo, para que todos vissem. A criança deitou no chão (apoiando o corpo com as mãos), e segurei no tornozelo, para iniciar a brincadeira. Logo após, eles foram formando duplas para brincar também, fazendo a troca.	*Enriquecer o repertório de brincadeira; *Melhorar a coordenação motora; *Incentivar a cooperação entre eles; *Proporcionar a recreação dos participantes.	*Segurar/soltar; *Solidariedade e cooperação; *Andar/correr; *Rápido / devagar.	Os alunos se dividiram em duplas sem interferência da professora; Quando chegava a um determinado percurso, faziam a troca, como combinado anteriormente. Existia o cuidado ao segurar o colega para não cair.

Situações de Brincadeiras

9º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Equilibrando a bola no lençol.	Alana Adryan Amanda Ana Clara Bianca Damares Guilherme Costa Guilherme Profeta Hamilton José Henrique Kenendy Kleberson Levy Maria Aparecida Maria Clara Mirlane Maysa Rian Sara Vivian	Expliquei como é a brincadeira, na rodinha. Logo após todos se posicionaram para segurar o lençol. Coloquei a bola no centro do lençol e eles começaram a movimentar o lençol para cima e para baixo, fazendo a bola pular, com cuidado para não cair no chão. Depois coloquei um balde com alguma distância da roda. As crianças fizeram movimentos para tentar jogar a bola no balde. Quando a bola caía fora do balde começávamos a brincadeira. Em alguns momentos mudamos o balde de lugar. As crianças também foram mudando de lugar, para experimentar ângulos diferentes.	* Brincar em grupo; *Promover diversão e interação; *Equilibrar a bola no lençol; *Criar estratégias de jogo; * Jogar a bola dentro do balde.	* Coordenação motora; *Sentimento de igualdade; *Gosto de brincar em grupo; *Equilíbrio e força; *Estratégia de jogo; *Em cima e em baixo.	Os alunos demonstraram preocupação para a bola não cair no chão e, reclamavam quando um colega não segurava o lençol direito. Perceberam que brincar em grupo é melhor do que brincar sozinho. A aluna Vivian relatou que num bate-papo, após a brincadeira, que brincar em grupo é melhor porque sozinha a bola ia cair no chão. Já o aluno Kenendy, quando viu a dificuldade de jogar a bola no balde, ficou chutando a bola por baixo do lençol(segurava o lençol e chutava a bola ao mesmo tempo, até conseguir jogá-la no balde. Maysa, também não teve paciência de esperar a bola cair no balde e, pegou a bola com a mão e jogou no balde.

Situações de Brincadeiras

10º Dia

BRINCADEIRA	CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM	COMO FOI CONDUZIDA	OBJETIVODA BRINCADEIRA	CONHECIENTO DESENVOLVIDO	APREDIZAGEM NÃO PREVISTA
Salve-se com um abraço	Alana Adryan Amanda Ana Clara Bianca Damares Guilherme Costa Guilherme Profeta Hamilton José Henrique Kenendy Kleberson Levy Maria Aparecida Maria Clara Mirlane Maysa Rian Sara Vivian	<p>Chegando na área do recreio, sentamos no chão e, conversamos sobre amizade, carinho, abraço; perguntei quem gosta de abraçar e ser abraçado. Expliquei a brincadeira e no primeiro momento a professora foi a pegadora (o pegador (a), fica com uma bola na mão e corre atrás de um colega para tocar a bola na barriga). Iniciamos a brincadeira cantando a música Dona Aranha. Quando a música acaba o pegador(a) vai tentar tocar um colega. Eles por sua vez, podem ficar imunes se conseguirem abraçar um colega no momento da correria. Quem for tocado vai ficar no lugar de pegador. Depois decidimos colocar mais um pegador para agilizar a brincadeira.</p>	<p>*Incentivar a afetividade;</p> <p>*Potencializar a percepção espacial;</p> <p>*Valorizar o contato físico (abraço);</p> <p>*Salvar todos os participantes do grupo.</p>	<p>*Companheirismo e afetividade;</p> <p>*Agilidade;</p> <p>*Respeito às regras da brincadeira;</p> <p>Habilidade motora de correr.</p>	<p>Os alunos se envolveram com muito entusiasmo e integração; Não houve escolha de colega para abraçar, eles abraçavam quem estava mais perto; O aluno Kenendy, saía pela área abraçando todo mundo; Ao final da brincadeira, conversamos sobre e Vivian , mais uma vez, falou que gostou da brincadeira porque o abraço aperta.</p>